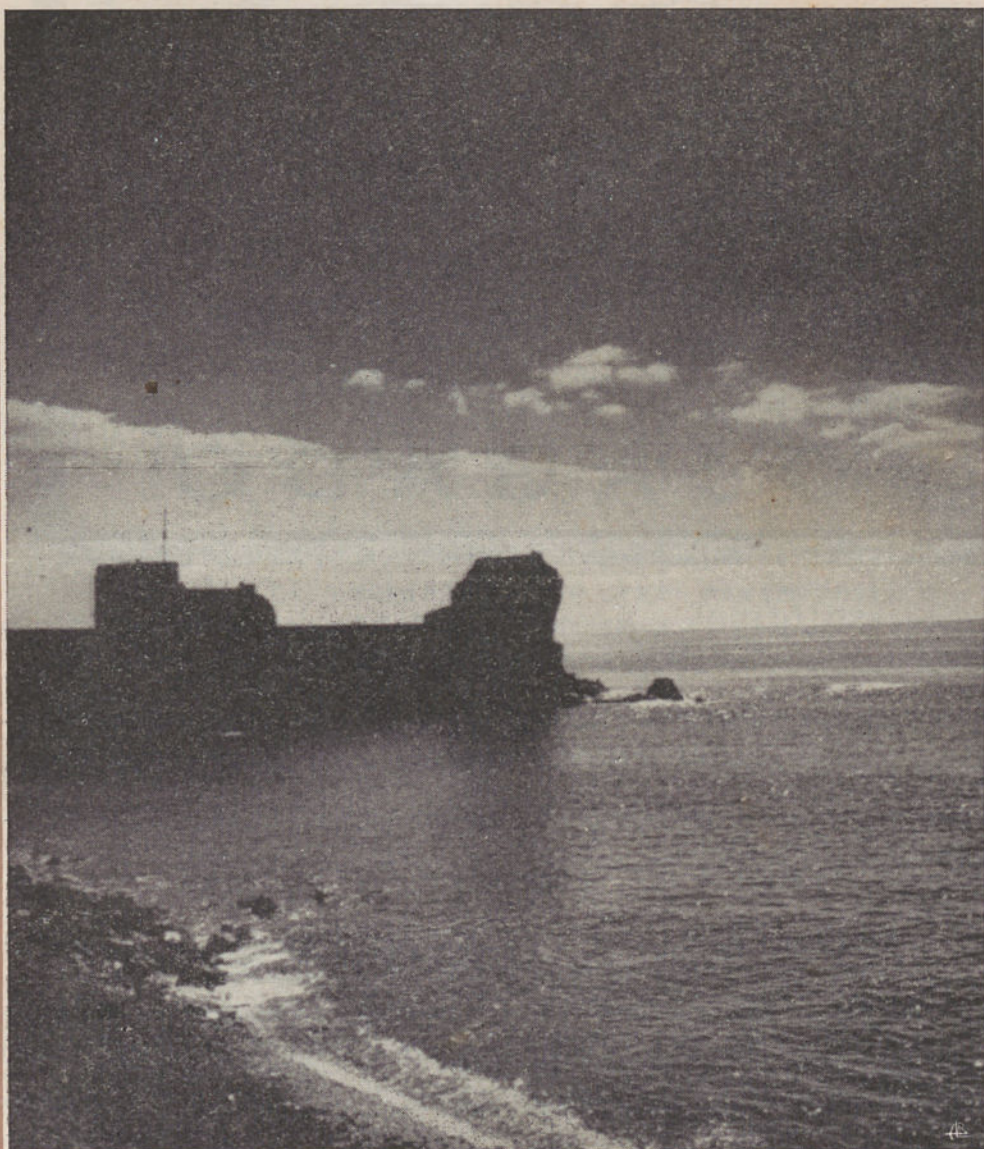


# Gazeta das Aldeias

N.º 2564

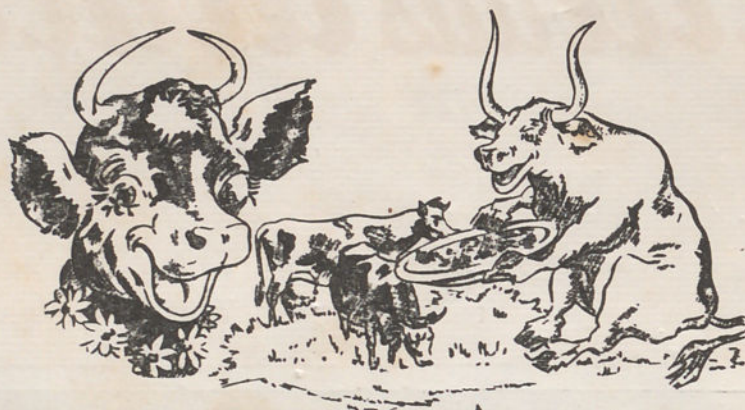
1 DE ABRIL DE 1966



Sala .....  
Est. ....  
Tab. ....  
N.º .....

# Alimentos Compostos

MINERALIZADOS



VITAMINADOS



## SOJAGADO

As farinhas «SOJAGADO», compostas à base de Soja, constituem um alimento concentrado que satisfaz as necessidades nutritivas dos animais.

Para cada espécie e conforme a natureza da exploração pecuária há uma fórmula especial, contendo sempre correctivos minerais, vitaminas e antibióticos.

Solicitai-nos as n/ publicações e atendei às indicações técnicas para vos garantiredes de uma maior produtividade.

**SOJA DE PORTUGAL, LDA.**

Fábrica de Alimentos Compostos para Animais

ESCRITÓRIOS: Rua dos Fanqueiros, 38-2.º

Apartado n.º 2692  
Telefs.: 323830-327806  
LISBOA - 2

FÁBRICAS EM OVAR  
Apartado 20 — Tel. 52063

DELEGAÇÃO DE VENDAS E CONSULTAS TÉCNICAS:

Rua do Almada, 152-4.º  
Telef. 36970  
PORTO

*Siga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!*



**A obtenção de maiores produções por unidade de superfície de terreno cultivado e o barateamento do seu custo, são as bases da solução do problema agrícola.**

A cultura do milho, a par de uma técnica apropriada, exige, para se atingir aquela finalidade, o emprego de

**H Í B R I D O S** **acal**

Os resultados obtidos pela Lavoura, com produções que facilmente duplicam as conseguidas com os milhos regionais, justificam o emprego dos

3989

# Milhos Híbridos



Sendo a produção desta semente limitada, reserve desde já as variedades da sua preferência

**HP 21 A      HP 32      HB 5 A      HB 7 A      HB 9**

Para conhecimento das características principais destes milhos, peça os

**BOLETINS TÉCNICOS** dos

**SERVIÇOS AGRONÓMICOS**

**acal**

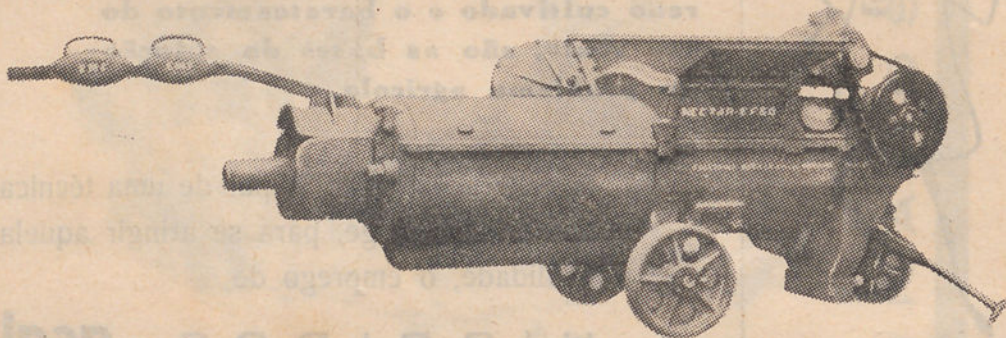
**Agência Comercial de Anilinas, Lda.**

(SECÇÃO AGRÍCOLA)

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telef. 55161 (3 linhas)

# MABILLE

**PRENSAS CONTÍNUAS  
ESMAGADORES — BOMBAS  
ESGOTADORES**



**Material Vinícola da mais alta qualidade**

**CEIA**—Centro de Equipamentos Industriais e Agrícolas, Lda.  
Rua Conde de Redondo, 97 r/c Dto.—LISBOA-2

4176



## **McCORMICK INTERNATIONAL**

**Tractores de Rodas  
Tractores de Rasto  
Máquinas Agrícolas  
Máquinas Industriais**

4195

**DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:**

**Fassio, Limitada**

20, Rua Jardim do Regedor, 32—LISBOA—Telefone, 361902/3/4



**Para um combate eficaz ao**  
míldio da videira e batateira  
**utilize um dos fungicidas Schering**

# Cupfer-Curit

# Curit

2891

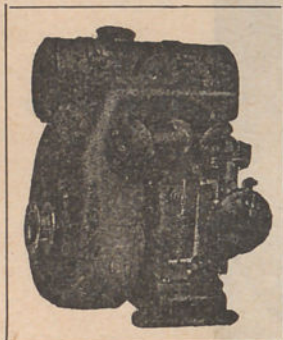
Distribuidores Exclusivos:  
**Aguiar & Mello, Lda.**

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

*Agentes em todo o País*

# Motores e Grupos de Rega

## VILLIERS



### MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP      2 HP      2,4 HP      3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2"      2"      2 1/2"      3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.**

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A  
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F  
Telef 53393      3532

O MELHOR CAFÉ  
É O DA

**BRASILEIRA**

61, Rua Sá da Bandeira, 91  
Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

### PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**  
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam  
Frasco pequeno - 12\$50 • Frasco grande - 50\$00  
Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES  
GERAIS

Vicente Ribeiro  
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º  
L I S B O A



### ÁRVORES DE FRUTO

De sombra e jardim. Babelos enxertados e americanos. Eucaliptos. Oliveiras. Todas as variedades e qualidades encontra — de maneira a satisfazer — numa das melhores casas do género.

**FLORICULTORA HORTO DO ROCIO**

de **JOÃO CRESPO JÚNIOR**

Rua Major Rosa Bastos, 2 — CANEÇAS — Telef. 920146

4157

Mostruário e Venda, Rua de S. Julião, 50 — Tel. 33449 — LISBOA (Entre as Ruas da Prata e dos Fanqueiros)

Encarregamo-nos da construção de Jardins, para o qual temos pessoal habilitado. Antes de fazer as suas encomendas não deixe de consultar a nossa casa.

Enviamos catálogos grátis

Uma nova organização ao serviço da Fruticultura

**ganhe dinheiro  
cultivando**

# MILHOS HÍBRIDOS CUF



Escolha entre as variedades CUF  
mais indicada



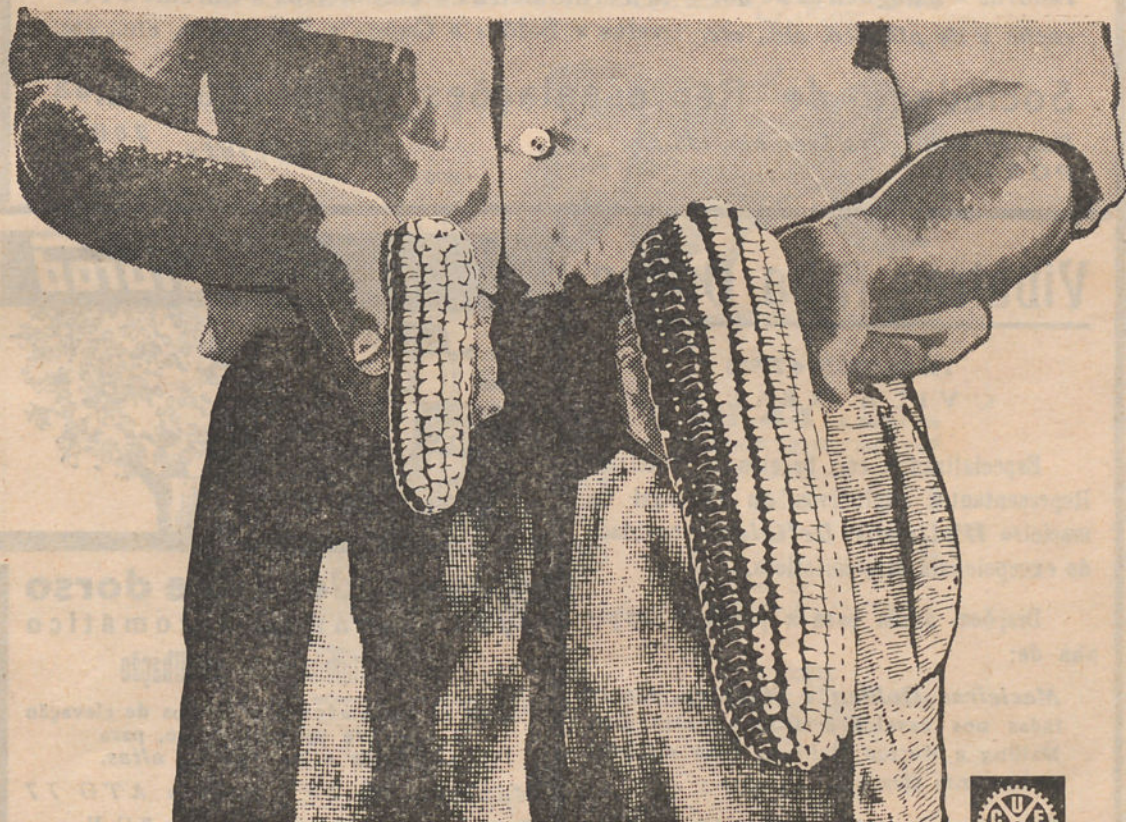
Adube à sementeira com  
FOSKAMÓNIO ou FOSFONITRO



Aplique em cobertura, à sacha  
UREIA



Faça os amanhos culturais, regas e  
tratamentos fitossanitários  
necessários



**MILHO HÍBRIDO CUF BEM CULTIVADO**

**É RENDIMENTO ASSEGURADO**



3456



**Filtros \* Bombas \* Rolhadores \* Máquinas de gaseificar \* Máquinas de encher \* Saturadoras \* Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.**

Ácido Cítrico \* Ácido Tartárico \* Ácido Ascórbico \* Sorbato de Potássio \* Metatartárico \* Carvão «Actibon» \* Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) \* Anidrido Sulfuroso \* Metabisulfito de Potássio \* Solução Sulfurosa \* Gelatina Spa-R \* Bentonite «Vol-klay» \* Fosfato de Amónio \* Barro Espanhol \* Caseína \* Albumina de Sangue \* Calgonit (o melhor desinfetante e descorante de vasilhas) \* Permanganato de Potássio \* Carbonato de Sódio \* Actisolal \* Emboçol \* Bono-Suif (Mastic francês) \* Mechas de Enxofre \* Glutofix (cola para rótulos) \* Goma Laca \* Goma Arábica \* Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros \* Acidímetros \* Areómetros \* Glucómetros \* Mostímetros \* Alcoómetros \* Termómetros \* Vinómetros \* Buretas \* Provetas \* Balões \* Copos \* Reagentes, etc., etc.

## Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º  
PORTO

Telefs. 28093  
35173

3876

## Viteiros Riba Douro

Telefs. 22324 e 22988  
VILA REAL

Especializados em bacelos e fruteiras. Representantes exclusivos em Portugal da macieira *Wellspur Delicious*, novidade de excepcionais características.

Disõem ainda para a presente campanha de:

*Macieiras Golden e Starking*, enxertadas nos cavacos semi-ananicas East Malling e Merton Malling, e em macieira de semente (franco).

\* *Pereiras* enxertadas no marmeleiro E. M. A. e pereira de semente (franco).

\* *Choupos híbridos* I-214, I-488 e Campeador.

Enviamos catálogo a quem solicitar.

4166

## Gutbrod



**atomizadores de dorso**  
com lançador automático  
para atomização e polvilhação

Podem ser montados com bomba de elevação e tubo de prolongamento, para **árvores e ramadas altas.**

<i>Modelo ATO 39</i>	<i>Modelo ATO 77</i>
Potência: 2 C. V.	Potência: 3 C. V.
Peso: 7,800 kgs.	Peso: 12,100 kgs.

PEDIDOS A

**Agência Geral Gutbrod**

Rua de José Falcão, 152-156  
Telefones 20947 e 20948 — Porto

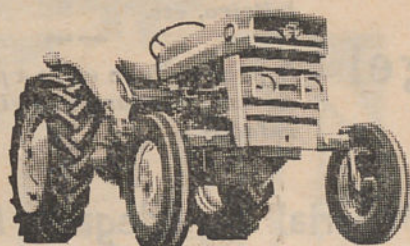
3781



# TRACTORES MASSEY-FERGUSON



para a cultura  
da **VINHA**



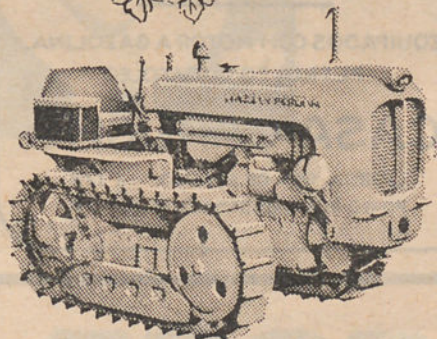
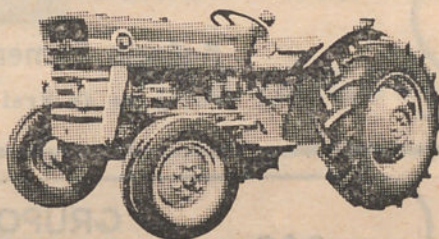
**MF 130**  
VINHATEIRO 30 H. P.

MOTOR PERKINS DE 30 H. P. •  
EMBRAIAGEM DUPLA • 8 VELO-  
CIDADES PARA A FRENTE •  
2 VELOCIDADES DE MARCHA  
ATRÁS • 3.a, 4.a, 7.a e 8.a  
SINCRONIZADAS • BLOCAGEM  
DO DIFERENCIAL • TRAVÕES  
DE DISCOS BLINDADOS • LAR-  
GURA TOTAL MÍNIMA 0,94 m.



**MF 135**  
VINHATEIRO 45,5 H. P.

MOTOR PERKINS DE 45,5 H. P. •  
EMBRAIAGEM DUPLA • 6 VELO-  
CIDADES PARA A FRENTE •  
2 VELOCIDADES DE MARCHA  
ATRÁS • BLOCAGEM DO DIFE-  
RENCIAL • LARGURA TOTAL  
MÍNIMA 1,10 m.



**MF 44 DE RASTOS**  
VINHATEIRO 44,5 HP

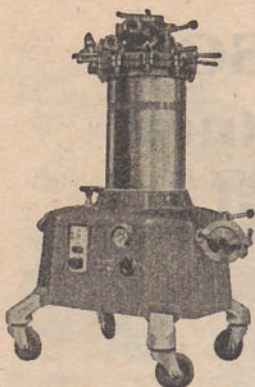
MOTOR PERKINS DE 44,5  
H. P. • 5 VELOCIDADES  
PARA A FRENTE • 1 VELOCI-  
DADE DE MARCHA ATRÁS  
• TRAVÕES INDEPENDEN-  
TES COMANDADOS POR  
PEDAL • RASTOS COM 33  
SAPATAS DE 200 m/m •  
LARGURA TOTAL MÍNIMA  
1,10 m.



## ALFAIAS

CHARRUA VINHATEIRA DE ELEVÇÃO À VERTICAL •  
CHARRUA DE DISCOS PARA VINHAS • ESCAVADORA  
ENTRE CEPAS • PULVERIZADORES E ATOMIZADORES •  
CORTA-VIDES

**TRACTORES DE PORTUGAL, S.A.R.L.**  
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 • 4.º • ESQ.º - LISBOA 2 - TELEFONE 368284



**Filtros** — *De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.*

**W i n o** — *Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.*

**Tartrix** — *O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.*

**Collogel** — *O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.*

**Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises**

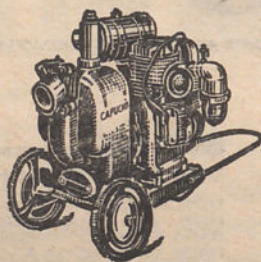


**RAMO AGRICOLA da**

**Agência Comercial de Anilinas, Lda.**

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

4018



**GRUPOS MOTO-BOMBA**

**"CAPUCHO"**

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.  
PETRÓLEO OU GASOLEO

**CASA CAPUCHO**

LISBOA—RUA DE S.PAULO, 113-129  
PORTO—RUA MOUS.DA SILVEIRA, 139-143

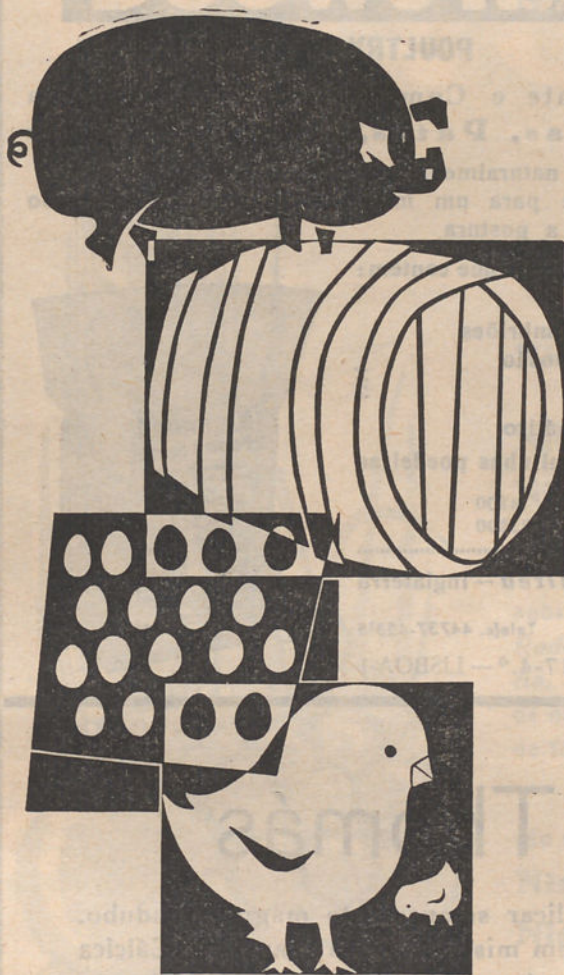
4178

**PORTO AVÍCOLA**

(CASA FUNDADA EM 1942)

CHOCADÉIRAS — AVES — CÃES — ARTIGOS E ALIMENTOS PARA OS MESMOS  
CARLOS PINHEIRO — Rua de Aviz, 16 — Tel. 26540 — PORTO

417A



**Na chamusca  
dos porcos**

**Na extracção  
de sarro  
do vasilhame**

**Nas chocadeiras**

**Nas criadeiras  
de pintos**

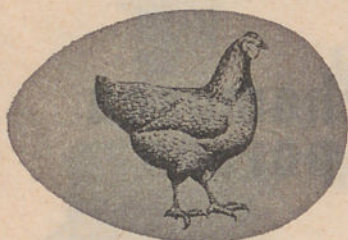


**PROPACIDLA**

**O MELHOR GÁS  
AO SERVIÇO  
DA INDÚSTRIA**

# Karswood

## POULTRY SPICE



Estimulante e Complemento alimentar para **Galinhas, Patos, Perús e Faisões**

- Estimula naturalmente o desenvolvimento
- Predispõe para um mais rápido aumento de peso
- Aumenta a postura

— Devido ao equilíbrio das substâncias minerais que contém:

- Melhora a fertilidade dos ovos
- Provoca o desenvolvimento dos embriões
- Mantém altas percentagens de eclosão
- Acelera a muda da pena

— Muito apetecido devido a ser muito aromático

— Um pacote de 453 g é suficiente para 20 galinhas poedeiras durante 32 dias

PACOTES de 453 g — 14\$00  
LATAS de 3.180 g — 85\$00



Um produto de: *Nicholas A. & V., Limited* — Inglaterra

Representantes em Portugal: **F. Lima & C.a, Sucr., L.da** Telef. 44737-45515

Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA-1

# Fosfato Thomás

Nos terrenos ácidos deve aplicar sempre este magnífico adubo. Não deixe de o aplicar, em fundo, em mistura com a **Cianamida Cálcica** (Cal Azotada) ou com a **Ureia**, nas terras destinadas à sementeira do milho (híbrido ou regional).

Terá seguramente óptimos resultados tanto na cultura do milho como na cultura que se lhe seguir.

PEDIDOS AO IMPORTADOR-DISTRIBUIDOR

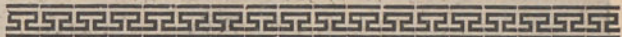
**Casa Agrícola do Porto, Lda.**

Rua do Almada, 300-306 — PORTO

Para informações Técnicas e Literatura, pedidos aos

**Serviços Agronómicos do Fosfato Thomás**

Rua Augusta, 118-5.º — LISBOA-2



# Nitratos de Portugal

S. A. R. L.

Rua dos Navegantes, 53-2.º

LISBOA



Produziram em dois anos mais de  
290 000 toneladas de:

**Nitrolusal** com 20,5 % e 26 % de azoto, metade  
nitríco, metade amoniacal.

**Nitrato de Cálcio** com 15,5 % de azoto nitríco.

**Nitrapor** — complexo binário com 20 % de azoto  
e 18 % de potássio.

Destes quantitativos foram exportados em dois  
anos para *Espanha, África do Sul, Roménia,*  
*Rodésias, Checoslováquia, Líbano, Síria, Austrália,*  
*Tailândia, Chipre e Turquia* muitas dezenas  
de milhares de toneladas que corresponderam a mais  
de 160 000 contos de divisas entradas no País.

Após diversos ensaios industriais e agrícolas,  
vão ser lançados no mercado:

**Nitrafós** — complexo binário.

**Nitratrês** — complexo ternário.

4158



**NITRATOS DE PORTUGAL, S.A.R.L.**



Os adubos dos NNNN são, sem dúvida,  
os **adubos das boas colheitas**

Prefira-os

**Não poupe nos adubos!**

# PROVIMI

## RAÇÕES E CONCENTRADOS

GALINÁCEOS (GEN. GALLUS)  
PALMÍPEDES — PERUS  
FAISÕES — CODORNIZES  
COELHOS — CHINCHILAS  
EQUÍDEOS — BOVINOS  
OVINOS — SUÍNOS

FORMULAÇÃO CORRECTA

LABORAÇÃO RIGOROSA

CONTROLO LABORATORIAL

EXPERIMENTAÇÃO  
ZOOTÉCNICA

EFICÁCIA BIOLÓGICA

EFICÁCIA ECONÓMICA

## FÁBRICAS PROVIMI

PAIÁ — SACAVÉM — FARO  
CASTRO VERDE — CARAMULO  
OVAR — BRAGA — PONTA DEL-  
GADA — FUNCHAL — MALANGE

## ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ALOJAMENTOS  
ALIMENTAÇÃO  
TÉCNICAS DE EXPLO-  
RAÇÃO — NORMAS DE  
CRIAÇÃO — HIGIENE  
DAS PRODUÇÕES  
G E S T Ã O



SÍMBOLO DE PRESTÍGIO MUNDIAL



## PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO  
AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

### LISBOA

R. Filipe Folque, 2, 2.º  
Tel. 42111

### PORTO

R. Sá da Bandeira, 746, 2.º-Dto.  
Tel. 30869

## RAÇÕES E CONCENTRADOS

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

# Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR  
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L) \* Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO  
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO \* Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)  
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

## SUMÁRIO

Êxodo ou debandada? . . . . .	241
Em favor de uma política de bem-estar rural — <i>Arquitecto J. Pinto Machado</i> . . . . .	242
Balanço oportuno — As «instalações de campo» do Ensino Superior Florestal — <i>Prof. C. M. Baeta Neves</i> . . . . .	245
Da investigação sociológica — <i>Eng. Agrónomo G. Santa Ritta</i> . . . . .	250
Repopoamento pelo castanheiro de terra — favoráveis à sua cultura — <i>Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes</i> . . . . .	255
Os planos agrícolas e a contribuição da vulgarização — <i>José Luís Pessoa da Graça</i> . . . . .	256
A Macieira — <i>Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas</i> . . . . .	259
Boletim Meteorológico para a Agricultura . . . . .	261
A cultura da aveleira — <i>Eng. Agrónomo José Madeira Pinto Lobo</i> . . . . .	262
Trabalhos em Abril . . . . .	266
Caça e Pesca — Achigãs — <i>Almeida Coquet</i> . . . . .	270
A poda das árvores de fruto — <i>Regente Agrícola J. Costa Rosa</i> . . . . .	272

## SERVIÇO DE CONSULTAS

— Olivicultura . . . . .	274
— Silvicultura . . . . .	274
— Patologia Vegetal e Entomologia . . . . .	275
— Zootecnia . . . . .	278
— Medicina Veterinária . . . . .	278
— Direito Rural . . . . .	278
Intermediário dos lavradores . . . . .	276
Informações . . . . .	279

## A NOSSA CAPA



Praia do Castelo — Pôr do sol

Vila do Conde

## ASSINATURAS

Ano . . . . .	100\$00
Semestre . . . . .	55\$00
Número avulso . . . . .	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais . . . . .	50 %

Visado pela Comissão de Censura

## ÊXODO OU DEBANDADA?

**E**SPERAMOS ter conseguido, através de algumas destas despreziosas *notas*, dar aos nossos Leitores a ideia de não sermos adversos à «saída» de parte das populações rurais para outras actividades que não as agrícolas.

O chamado «êxodo rural» é um movimento irreprimível, resultante de múltiplos factores, que a orgânica das sociedades modernas mais acentuou e que se tem mesmo que desejar, dentro de certa medida.

Mas uma coisa é «êxodo rural», movimento, por natureza, lento e gradual, que por si próprio origina e impulsiona uma reestruturação, igualmente lenta e gradual, das empresas, das culturas e até dos agregados populacionais, outra a «debandada» a que assistimos entre nós, fuga precipitada e desvairada, que nem tempo dá a que se pense nos meios de compensar, equilibradamente, o desaparecimento brusco dum excesso tradicional de mão-de-obra.

Se hoje não merece já discussão a conveniência — de resto o movimento é fatal e irreprimível — de reduzir o número dos trabalhadores rurais a quantitativos compatíveis com o nível indispensável dos salários e consequentemente com a produtividade do trabalho, por outro lado, não se pense ser possível a transformação das estruturas das empresas ou a reconversão das culturas com a velocidade vertiginosa que seria necessário alcançar para não haver desfasamento e assegurar-se a disponibilidade dos meios e a preparação profissional dos trabalhadores e sua adaptação a esses mesmos meios.

E é, entretanto, a esse «solavanco» que assistimos e que causa calafrios.

A improvisação é sempre má, cara e imperfeita e a agricultura portuguesa ao improvisar à pressa, o espírito perturbado pela profundidade do problema com que depara ao acordar estremunhada dum sono beatífico de séculos, sairá da conjuntura ainda menos preparada para poder enfrentar o futuro.



# Em favor de uma política de bem-estar rural

Por  
J. PINTO MACHADO  
Arquitecto

*Com grande prazer iniciamos a publicação de trabalhos do architecto José Luís Pinto Machado.*

*Os problemas da habitação rural e tudo quanto se prende com as condições de vida, são fundamentais e terão que ser encaradas muito a sério e com corajoso realismo se quisermos dominar uma das causas principais do afastamento das populações da vida rural.*

*E porque assim é, congratulamo-nos pelo assunto ser debatido na "Gazeta das Aldeias" por um especialista qualificado.*

Há muito que venho lutando, muito embora hoje desiludido perante tanto ouvido pouco atento (ou indiferente), sobre a necessidade da política de bem-estar rural se integrar adentro de um planeamento bem estruturado, de molde que possa contar não apenas com a franca e sincera colaboração dos diferentes organismos oficiais e officiosos nela interessados, mas ainda com o apoio efectivo (e não teórico) das autarquias locais.

Por outro lado, sempre tenho afirmado a indispensabilidade desse planeamento ao nível rural se esquematizar no seio da planificação territorial, esta necessariamente apoiada nos planos regionais.

Não me resta dúvida alguma de que uma tal política não deve destinar-se, como em alguns casos tem sucedido, a servir vantagens de ordem particular ou politiquices localizadas, sob pena de se tornar estéril qualquer tentativa de melhoria económico-social do meio rural.

Repetidamente me esforcei em salientar que uma acção desta natureza, porque a todos pertence e a todos servirá, não pode ser levada a cabo através da actuação independente de vários depar-

tamentos oficiais. De resto, é sabido que estes, naturalmente orientados pelos respectivos responsáveis, não agem da mesma forma, pois que cada dirigente interpreta diferentemente a tarefa que incumbe satisfazer em matéria de bem-estar rural. Essa diversificação directiva implica, evidentemente, uma descoordenação conjuntural e uma natural duplicação de tarefas.

Assim, não é raro verificar-se que cada departamento oficial interveniente nessa política a queira tomar como matéria só sua, orientando-a e executando-a à sua responsabilidade e em moldes de exclusivismo. Todos eles, e em geral, abstraem-se da obra efectuada pelos outros. Daí o eu admitir que uma tal situação constitui um estrangulamento à necessária conjugação de esforços, que ao País importa obter.

À Nação não lhe interessa que os diferentes ministérios pretendam, cada um por si, realizar uma obra idêntica à que está a promover o outro ou outros ministérios nela empenhados, apenas com o intuito de a completar mais rápida ou quantitativamente. À Nação não lhe é



conveniente que os ministérios se guerriem em surdina e em compita. O que lhe é vital, é que todos para ela trabalhem em unísono, sem duplicações de tarefas e, sobretudo, sem desperdícios orçamentais.

As valorizações a empreender pelo Governo, neste caso em favor das populações rurais e agrícolas e dos respectivos aglomerados, não podem, portanto, ser pleiteadas por este ou aquele departamento, mas devem, pelo contrário, ser realizadas com o esforço solidário e com a cooperação e a coordenação de todos eles, tal como se trabalhassem num único eixo, movido por uma só engrenagem.

Fundamentalmente, torna-se necessário que todos procurem realizar, com simultaneidade e coesão, os interesses nacionais.

Também não foram escassas as colunas que ocupei na imprensa, onde me referi à ineficácia operacional dos municípios rurais (pobres na orgânica interna, paupérrimos na generalidade quanto a orçamento), amiudadamente cerceados em poder realizador e em matéria financeira, consequentemente impedidos, na prática, de promoverem a reestruturação e revivificação dos respectivos concelhos.

Com efeito, chego a supor que o município rural dos nossos dias para pouco mais serve que de actual instrumento do Ministério das Obras Públicas. E se bem me recordo, estou em crer que, pelo menos por enquanto, os municípios estão subordinados ao Ministério do Interior. Ou não estarão?

Vem todo este arrazoado, a propósito de mais um grito de alarme a favor do sector primário, lançado ainda não há muito tempo na Assembleia Nacional, pelo Deputado Gonçalves Rapazote. E porque também não foi esta a primeira (nem a última) vez que um deputado se debruça sobre a matéria e porque também acerca dela nada se resolveu, com a devida acuidade, em ordem a uma doutrina global de base, estou novamente tentado a inferir que também os ouvidos daquela Assembleia não estão inteiramente atentos a uma situação que se me

afigura primordial para o progresso do campo e respectiva população.

Até quando se permitirá que as terras de cultura, as aldeias e sua população continuem a viver um atraso e uma letargia que infelizmente vem de longa data? Porque se tem consentido que essas terras e essas gentes prossigam tão lentamente a sua rota doentia, assoberbadas por problemas de toda a ordem, que as inibem de se integrar no seio das premissas que envolvem os programas económico-sociais do momento português? Porquê o flagrante desequilíbrio verificado entre o sector primário, em relação aos dois restantes?

A prosseguir uma quase estagnação desta natureza, aliás há mais de cem anos já apontada pelo insigne Ramalho, é óbvio admitir-se que muito dificilmente se poderá aguardar que os ambientes rurais venham a tomar parte activa e indispensável na melhoria da contextura económica do País.

Com estas divagações, quase me ia esquecendo de recordar o que, sobre o assunto em causa, proferiu na Assembleia Nacional o Dr. Gonçalves Rapazote quando, em determinada altura da sua oportuna intervenção, disse: «As aldeias de Trás-os-Montes estão sendo objecto de atenção carinhosa da parte dos departamentos... Mas a falta de conjugação de esforços, a estranha interdependência dos serviços, a mais que precária, inexistente, autoridade do município para regular ao nível do concelho toda esta acção, fazem com que a defesa sanitária, económica e social daquelas populações continui a ser lenta e insuficiente ou nula». E mais adiante, disse ainda: «A política da obra pela obra, do melhoramento pelo melhoramento, sem um estudo de conjunto das mais urgentes necessidades locais, faz com que acabem por sobrar hospitais e nos falte assistência hospitalar, nos chegue a electricidade e os telefones e faltem os consumidores. Muitas obras se fazem sem conhecer a vontade e a conveniência dos aglomerados servidos, e sem deles retirar o rendimento colectivo que poderiam alcançar. Sem a indispensável colaboração da comunidade, a obra tem o selo do serviço, o

gosto do funcionário e o desinteresse da população».

E não mencionou, aquele ilustre deputado, os demais problemas que afligem o mundo rural. De contrário, estou em crer que, muitas horas depois, ainda não haveria terminado a sua exposição...

Tal como o Dr. Gonçalves Rapazote, outros deputados e outras individualidades se têm referido a tão alarmante situação. Muitos técnicos e lavradores se lamentam, igualmente, acerca de tão premente panorama. E apesar de tanto grito de alarme, de tanta letra e palavra gasta, não houve pulso firme que conduzisse a espinhosa, mas não insolúvel, tarefa de fornecer aos campos e suas populações o remédio que se impõe ministrá-lhes. Porquê?

Será que são muitos os que beneficiam de uma falsa e apregoada necessidade de emigração de mão-de-obra agrícola e rural? Será que se procura, com jeitos de ganância, amparar a perniciosa e intolerável existência de batalhões organizados de intermediários da produção agrícola? Será que não são poucos os que beneficiam da importação de produtos agrícolas, logo contrários ao não escoamento nos mercados da produção interna? E será que muitos outros colhem os frutos benéficos da estagnação da vida económico-social do mundo rural?

Aqui ficam, à consideração de quem de direito, expostas estas e outras interrogativas, quanto mais não seja para recordar que neste encaminhar de maleitas que afectam o panorama rural se virá a atingir uma encruzilhada espinhosa e improfícua em ordem ao rumo da lavoura portuguesa.

A continuar a trilhar-se o rumo tortuoso, lá virá o tempo em que teremos de recorrer uma vez mais à importação, desta falta de couves, necessárias à preparação de um caldo, mas sem boroa...

\* \* \*

Através de uma rápida olhadela à História, verificar-se-á que os complexos problemas económico-sociais dos meios campestres sempre constituíram fontes de preocupação e de insónia dos governantes. O problema rural e agrícola, porque

é complicado, porque insere problemática de toda a ordem, porque encerra potenciais económicos de respeito, engloba, por si só, uma gama de conhecimentos, de acções e de valorizações que urge resolver com a agudeza própria às situações e às épocas em que se apresentam.

Nesta ordem de ideias, dada a dificuldade de resolução, a curto prazo, de um esquema conjuntural em matéria de progresso rural, da impossibilidade prática de se solucionar de uma assentada toda a vastidão de necessidades por ele sentidas e, ainda, da incompreensível inexistência efectiva dos tão sonhados Planos Regionais, há-de aceitar-se (e confessar) que a política de revitalização e revivificação rurais tem de ordenar-se em função das disponibilidades de momento, das estruturas directivas actuais e das razões prioritárias sectoriais e regionais.

O que importa sublinhar é que, para a presente altura, tentar resolver todos esses problemas de uma só cartada, seria o mesmo que aceitar-se ingenuamente a utopia... É utopistas também existem alguns, e não são poucos...

A título de aviso, permito-me lembrar que até mesmo os países mais desenvolvidos, onde naturalmente as respectivas populações rurais estão devidamente mentalizadas e preparadas para receberem grandiosos planos de reorganização económico-social-agrária não podem, evidentemente, executá-los em curto tempo.

Entre nós, porque a conjuntura actual infelizmente o não permite e porque também as disponibilidades financeiras o não comportam — pese a guerra que enfrentamos — o problema teria de ser encarado de outra forma, quero dizer, possivelmente através de meios de acção escalonados em razão das necessidades mais urgentes e em razão dos capitais disponíveis.

Ora uma actuação desta natureza, que julgo a todos se afigura viável, parece-me ser unicamente praticável, quando inserta no âmbito dos Planos Regionais, pois que eles constituem, a meu ver, os únicos instrumentos susceptíveis de equacionarem simultaneamente a resolução dos problemas sentidos nas respectivas regiões e de nelas se empreender o escalonamento prioritário das realizações que lhes são mais urgentes. — (Continua).

## Balanço oportuno

# AS "INSTALAÇÕES DE CAMPO" DO ENSINO SUPERIOR FLORESTAL

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES  
Engenheiro Silvicultor

**D**ISSE em artigo anterior, dedicado à memória do Prof. Azevedo Gomes, que a melhor forma de corresponder ao seu raro exemplo, tomando este como modelo de atitudes públicas, seria persistir, sem quaisquer hesitações nem fraquezas, na luta por todos aqueles ideais que honesta e iniludivelmente visam o bem comum.

Só assim seria possível corresponder à lição magnífica que foi toda a sua vida e só assim a homenagem prestada tem verdadeiro sentido, para ser coerente com significado desse exemplo e poder estar à altura da figura cujo excepcional mérito se pretende exaltar.

Pareceu-me ser assim oportuno, com tal intenção, dar um balanço aos resultados até agora obtidos na luta por uma ideia, à qual dediquei durante cerca de 20 anos o melhor do meu entusiasmo. Importa fazer uma pausa e, além da satisfação pública a dar, rever a situação actual para que tanto eu como todos os outros interessados nessa ideia possamos avaliar do interesse dos resultados obtidos até agora.

E' uma norma que sempre usei, e que me parece agora mais justa do que nunca, nomeadamente nestas alturas mais propícias às «retiradas estratégicas» ou ao já tão safado geito de alguns «de sacudir a água do capote», quando se julga ser

possível escapar, de tal sorte, às responsabilidades que lhes caibam.

Por minha parte, além do que me pertença desde o berço, moldaram-me os ensinamentos da vida e dos exemplos que durante ela mais me têm impressionado, como o do Prof. Azevedo Gomes. O seu livrinho «Dois meses no Ministério da Agricultura» é um modelo raro de satisfação pública quanto às responsabilidades do alto cargo a que tinha ascendido, para nele poder defender com maiores recursos o bem comum, pelo qual tão persistente e desinteressadamente se tinha batido até ali como até ao fim da sua vida.

\* \* \*

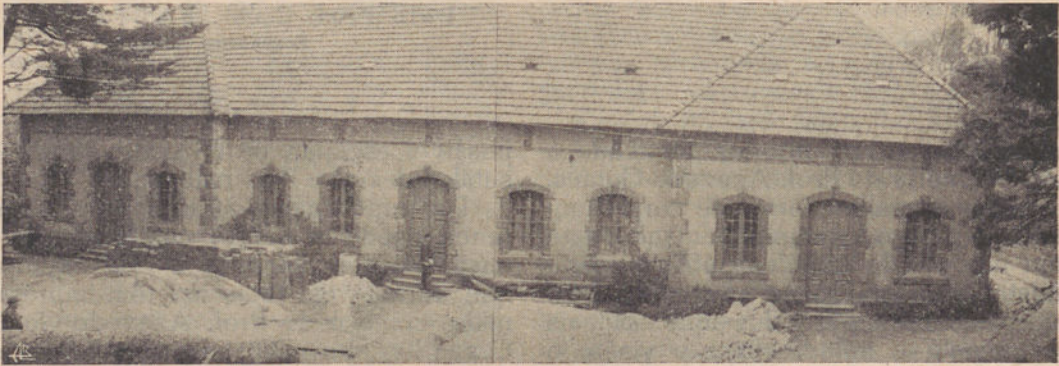
Logo que iniciei os primeiros passos como professor do Instituto Superior de Agronomia, já lá vão mais de 20 anos, comecei a tentar introduzir no ensino das cadeiras ou cursos cuja regência me foi entregue as modificações que julguei mais convenientes para conseguir a sua melhoria.

De quanto fiz até agora irei destacar neste artigo o caso particular dos aspectos práticos do Ensino Superior Florestal, por ter sido em relação a estes que mais me tenho esforçado e menos tenho conseguido.

Tendo visitado em Espanha, em 1945, não só a Escola Superior Florestal de «Ingenieros de Montes» (Engenheiros Silvicultores) na Cidade Universitária de Madrid, mas também uma das suas instalações de campo, a de Cercedilla, na Serra da Guadarrama, desde então fiquei a pensar na necessidade e vantagem de conseguir apetrechar o Ensino Superior Florestal entre nós com instalações idênticas, a espalhar pelo País, como existiam tanto em Espanha como em muitos outros países, dado o enorme e indiscutível interesse de levar assim, Professores e Alunos, a um contacto mais directo e assíduo com a prática no campo, durante os vários pe-

cissitudes porque passou tal assunto ao longo quase de um vinténio, apesar da inexcedível boa vontade de quantos por ele se interessaram, nomeadamente o Director-Geral, Dr. António Luís Gomes, embora o relato de todos os passos dados fosse bastante elucidativo para melhor se poder avaliar a discrepância entre o esforço dispendido e os resultados obtidos.

Quanto a este caso apenas direi que em determinada altura o abandonei por não me julgar capaz de vencer os obstáculos que sistematicamente foram surgindo opondo-se à realização efectiva da ideia, e ainda que, apesar da intervenção da própria Presidência do Conselho, nesta



A casa de S.ta Eufemia (Sintra); início das obras de adaptação à instalação de campo do Ensino Superior Florestal

(Fotografia do Autor)

ríodos em que, ao longo do ano, utilizem essas instalações. Comecei por pensar na Quinta de Monserrate, pouco depois de ela ter sido adquirida pelo Estado, e quando, praticamente quase como ainda hoje, não se sabia que destino havia de lhe ser dado, embora a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa manifestasse o desejo de a aproveitar para fins pedagógicos e experimentais.

Obtida a concordância dos Profs. André Navarro e Flávio Resende para que se estabelecesse um entendimento entre as duas Escolas Superiores que representavam, no sentido de se tirar em conjunto o maior partido daquela propriedade para o Ensino Superior, foi a Direcção-Geral da Fazenda Pública informada desse acordo.

Não vale a pena relatar aqui as vi-

altura a solução adoptada para o caso de Monserrate está longe de corresponder a uma realidade que satisfaça qualquer das entidades oficiais hoje ligadas a uma vaga Comissão que, também muito vagamente, se destina a orientar o seu aproveitamento nos múltiplos aspectos com interesse público, pedagógico, turístico e cultural, que possui.

Como a certa altura tivesse mais uma vez visitado o Parque da Pena e tivesse encontrado em S.ta Eufemia um conjunto de grandes edifícios praticamente abandonados, pensei que talvez fosse melhor solução aproveitar um deles para a tal instalação de campo, tanto mais que era naquele Parque que o Prof. Azevedo Gomes, desde o início da sua actividade como Professor Catedrático de Silvicultura, fazia o estágio de 3 dias por ano,

para ensino da Dendrologia, para o que tal propriedade se presta em condições excepcionais.

Levei 15 anos (!?) para conseguir a autorização superior para que um dos edificios fosse destinado para esse fim, e para que, uma vez aquela alcançada, se iniciassem as obras de adaptação; mas agora já posso anunciar que espero

des do campo ao longo do curso, sob a orientação dos seus Mestres.

E' tudo tão lógico, tão evidente, que mal se pode entender como foi preciso tanto ano de luta para se conseguir fazer vingar uma ideia de interesse tão intuitivo; e se por fim não tivesse havido a melhor boa vontade do Ministério das Obras Públicas, mesmo assim, apesar de



O «Chalet do Engenho» (Marinha Grande), futura instalação de campo do mesmo Ensino, para melhor aproveitamento pedagógico da Mata de Leiria

(Fotografia gentilmente obtida por intermédio do Eng. Silvicultor Almeida Amaral, Chefe da Circunscrição Florestal da Marinha Grande).

durante o ano corrente ver essas obras concluídas!...

E então passará o Ensino Superior Florestal a dispor, na Serra de Sintra, de uma instalação de campo, que pode abrigar de uma vez só 60 Alunos e 3 Professores, com salas de aula teórica prática e salas de estudo, à semelhança do que possui a Espanha e muitos outros países por esse mundo fora. Nem se compreende que não fosse assim, fundamental como é, para que o ensino tenha a indispensável eficiência, que os Alunos vivam as realida-

superiormente autorizada a cedência do edificio para essa finalidade, as obras não teriam ainda começado. E' que a resistência passiva, exactamente donde ela seria menos de esperar, quase que conseguiu fazer perder 15 anos de luta, na defesa dos próprios interesses da entidade que mais dificuldades levantou durante todo esse longo periodo, entidade que ainda hoje parece não estar convencida dos beneficios que para ela poderão resultar da existência de uma tal instalação universitária, florestal.

Não ficaram os meus planos por tão pouco; a Serra de Sintra tem muito interesse pedagógico, já pelas suas condições naturais, já pela proximidade de Lisboa, mas é um caso particular e os Alunos precisam de estudar aspectos mais variadas condições em que irá desenvol-



Um exemplo a seguir, tal como muitos outros idênticos: uma instalação de campo da Universidade de Michigan (E.U.A.) utilizada por Alunos do Curso de Silvicultura

(De uma publicação da Universidade de Michigan)

ver-se a sua vida profissional, nas diversas modalidades abrangidas pela Engenharia Florestal.

Contudo, antes de começar a lançar-me noutras iniciativas, fui primeiro procurar ligar ao Ensino Superior Florestal uma área de mata, perto da capital, onde se pudessem fazer à vontade todos os exer-

cícios práticos, ensaios ou experiências que esse ensino exigisse. Mais uma vez foi a Serra de Sintra a visada, como era lógico, mas até agora só consegui que da tal Comissão, que ainda não sei bem como orienta a exploração e aproveitamento pedagógico, cultural e turístico da Quinta de Monserrate, fizesse parte um representante da Secção Florestal do Instituto Superior de Agronomia, defendendo nela que os 100 ha de pinhal que fazem parte da propriedade fiquem exclusivamente destinados a fins pedagógicos de interesse florestal. Eu suponho que não haverá outra Escola Superior Florestal no Mundo, uma vez que são raríssimas as que não possuam uma área arborizada privativa como apetrechamento fundamental do ensino, que apenas disponha (se é que a nossa já dispõe...) de tão diminuta área de mata na sua directa e exclusiva dependência...

As facilidades que as entidades oficiais, à porta das quais tenho batido para poder visitar áreas arborizadas sob a sua jurisdição, têm dado, não satisfazem, por razões óbvias; no entanto não têm os Professores deixado de as aproveitar sempre que necessitam de o fazer.

Destacam-se neste aspecto a própria Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e a Fundação da Casa de Bragança, esta última pondo à disposição do Ensino Superior Florestal as suas propriedades em Vendas Novas.

Neste aspecto, estou ainda em plena luta, luta enervante na medida em que só se encontram dificuldades, nomeadamente onde, *a priori*, se admitia, por simples lógica, deviam surgir as maiores facilidades, ou pelo menos palavras de apoio e incitamento; e não só palavras, que às vezes ainda são ditas,

mas decisões de interesse prático, efectivo.

Mas quanto às instalações de campo ainda fui mais longe; tentei o caso da Mata de Leiria, e conseguiu-se pelo menos, ao cabo também de alguns anos, a cedência de um edificio para ser adaptado ao mesmo fim, o chamado «Chalet do Engenho», contudo falta de verba não tem permitido fazer neste as grandes obras de que necessita, dado o estado de ruína em que em parte se encontra.

A Mata de Leiria já por si própria, já pela sua localização num dos distritos mais arborizados do País, tem um interesse pedagógico excepcional, consagrado desde o início do Ensino Superior Florestal entre nós, uma vez que durante muitos anos os Alunos do curso Engenheiro Silvicultor eram obrigados a fazer ali um longo estágio, o que infelizmente deixou de fazer parte do regulamento desse curso.

Avançando mais para Norte, dei ainda alguns passos para conseguir mais um edificio para adaptar a instalação de campo, no Bussaco, mas até agora, apesar de ser o mais fácil de conseguir, não alcancei ainda quanto desejava.

Esta instalação proporcionaria o aproveitamento pedagógico tanto daquela Mata como da Serra, e serviria de apoio para excursões que poderiam dali irradiar até os pontos mais afastados do Norte do País, onde há tanto, e com tanto interesse, a observar e a mostrar aos Alunos.

Dada a proximidade da Serra de Lousã e o interesse desta, nomeadamente pelos trabalhos de arborização e de melhoramento de pastagens ali feitos ou em curso, tentei também ali arranjar uma outra instalação, embora mais simples, sem aulas, para servir apenas de abrigo, mas a iniciativa, embora muito acarinhada pela Câmara Municipal de Goes, e pelo movimento regionalista, «morreu na casca», como é vulgar dizer-se. Faltaram-me as forças, essa é a verdade, para novas lutas, à procura de 60 contos para comprar um edificio, ou para conseguir a cedência de um outro pertencente ao Estado.

Contando ainda com as facilidades que a Direcção-Geral dos Serviços Florestais tem oferecido para serem utilizadas pelos

Professores e Alunos florestais, as pou-sadas que possui espalhadas pelo País, conseguia-se desta maneira uma rede de instalações privativas permanentes, ou emprestadas para estadia accidental, de que muito beneficiaria o Ensino Superior Florestal, tão carecido de reforma no sentido de uma maior aproximação das realidades profissionais.

\* \* \*

Ao cabo de 20 anos de luta, do balanço feito, embora de forma tão resumida, conclui-se que apenas se conseguiu a cedência de dois edificios do Estado para adaptar as instalações de campo (a Espanha tem três); e que apenas um deles, o de S.<sup>ta</sup> Eufemia (Sintra) está em obras de adaptação.

Quanto a área florestal, o Ensino Superior Florestal, dispõe agora, em principio, por não estarem ainda definidas as condições, de uma área de cerca de 100 hectares de pinhal na Serra de Sintra (parte da Quinta de Monserrate), embora tanto a Fundação da Casa de Bragança como a Direcção-Geral dos Serviços Florestais ofereçam as facilidades necessárias para as visitas pedagógicas que se desejem fazer às propriedades da sua directa e privativa administração.

Para já é alguma coisa, mas não tanto quanto se julga indispensável, e muito menos ainda do que seria justo para tanto ano de luta e para a evidência do interesse colectivo do que se pretende.

Não se diga que o plano, no seu conjunto, era demasiado ambicioso; ora vejamos:

**Sintra** serviria para estágios repetidos ao longo do ano, estadias de uma semana pelo menos em cada um dos três períodos em que se divide o ano lectivo, além de estágios em férias grandes.

A **Mata de Leiria** serviria igualmente para estadias repetidas e estágios de Verão, simplesmente em anos diferentes do curso.

O **Bussaco**, para fins idênticos, embora para ser visitado com menos assiduidade e demora, por isso as instalações também deveriam ser mais simples; seria mais uma instalação de apoio, como base de excursões, a irradiar dali.

(Conclui na pág. 255)

# DA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA

Por G. SANTA RITTA  
Eng. Agrónomo

**E**M artigo anterior aludimos à análise do estado e tendências das investigações de sociologia rural em França, publicada por M. Jollivet em «L'Année Sociologique».

As rápidas transformações da agricultura e do mundo rural e os múltiplos problemas económicos e sociais decorrentes provocaram um importante acréscimo das necessidades em matéria de conhecimento científico da vida agrícola e rural, afirma aquele autor. Desde 1955 que o Comissariado Geral da Produtividade se preocupou com o assunto, confiando a Paul Albou um inquérito sobre as ciências humanas aplicadas ao estudo da vida rural.

Jollivet assinala igualmente a publicação por Henri Mendras dos resultados dum inquérito sobre os estudos de sociologia rural na Europa, o qual permite comparar a situação francesa à dos restantes países europeus e concluir, aliás, que ela não é muito diferente.

A respeito deste trabalho de Mendras, publicado em 1960, tive ocasião de publicar um artigo, esclarecendo alguns pontos relativos ao caso português, e posteriormente, de trocar impressões com o seu autor sobre o assunto. Em Maio do ano findo, o professor alemão Dr. Kötter solicitou-me elementos sobre as entidades portuguesas que se consagram a estudos de sociologia rural, bem como de «clientes» possíveis para a disciplina sociológica no nosso País; tais elementos destinam-se a um estudo que actualizará o trabalho de Mendras e será presente ao próximo Congresso Europeu de Sociologia Rural, cuja representação portuguesa fui também incumbido de organizar.

É extremamente difícil, diz Jollivet, fazer uma ideia de conjunto das investigações actuais de sociologia rural em França, pois as instituições que as patro-

cinam são múltiplas. Entre estes, salienta-se a Estação Central de Economia e de Sociologia Rurais, criada pelo Ministério da Agricultura para funcionar no *Institut National de Recherche Agronomique* e comportando um Laboratório de Sociologia Rural, estreitamente associado ao Grupo de Sociologia Rural do Centro de Estudos Sociológicos.

A dispersão das investigações, bem como a diversidade de interesses do sociólogo rural provocam uma extraordinária multiplicidade e dispersão das fontes de documentação, diz Jollivet; os indícios de organização, no plano institucional e no plano da colaboração entre investigadores, são duplamente sintomáticos: pela sua aparição, manifestam o progresso da sociologia rural, encaminhada para a maturidade de disciplina autónoma; pela sua relativa fraqueza, mostram as dificuldades que ela encontra nesta via, dificuldades que uma análise detalhada das tendências actuais da investigação ajuda a compreender melhor.

No nosso País, não existe ainda, infelizmente, uma investigação sistemática em sociologia rural. Mas é elevado o número de entidades que se dedicam a estudos sociais. O Dr. Sedas Nunes chamou recentemente a minha atenção para o inquérito (realizado, por sua iniciativa, no Gabinete de Investigações Sociais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e publicado na revista «Análise Social») sobre *Investigação social em Portugal — Organismos e instituições*. Na introdução desse trabalho afirma-se que no campo específico dos problemas económico-sociais, é fora de dúvida que se operou nos últimos anos — melhor, nos últimos dez anos — uma viragem no sentido de se reconhecer a necessidade da investigação sistemática e de se criarem alguns meios para ela; e julga-se que o



simples facto de ter podido estabelecer um inventário, ainda que incompleto, pode ajudar a formar uma perspectiva de conjunto, da qual ressaltem algumas lacunas e sobreposições; e pode, até, ajudar a canalizar certo tipo de trabalhos para os organismos e instituições que melhor os possam executar, a estabelecer fronteiras de actuação e laços de cooperação entre eles.

Voltando ao caso francês, parece-me interessante citar o ficheiro central de projectos e investigações, relativo ao ano de 1964 e elaborado sob a orientação de Denis Bergman; o de 1963 havia sido preparado por M. Malassis; não recebi ainda o de 1965.

Quando se trata de centros de investigação em que a economia e a sociologia se encontram associados, receio sempre (embora reconheça algumas das suas vantagens) que se verifique a tendência para uma sobreposição, ou uma tutela, por parte de economistas e, sobretudo de contabilistas especializados em contas de cultura, os quais certamente desconhecem a afirmação de André Marchal: «Les facteurs sociologiques ne sont pas seulement des cadres de l'activité économique; ils en sont l'essence même».

Cremos que no INRA o lugar dado à sociologia corresponde, de facto, a este ponto de vista, e com isso nos congratulamos.

Começando pelos aspectos e *problemas agrícolas de conjunto*, o primeiro projecto, a cargo de Michel Gervais e Claude Servolin, diz respeito ao processo de passagem da agricultura artesanal à agricultura industrial nos países desenvolvidos.

O antigo sistema de produção agrícola caracterizava-se pela predominância de explorações de dimensão familiar reduzida, com técnicas de produção muito variadas, fornecendo ao mercado quantidades extremamente variáveis de produtos muito heterogéneos. Este sistema transforma-se, para conduzir a uma organização industrializada da produção, caracterizada pelo emprego maciço do capital numa combinação de dimensão considerável, organizada segundo o princípio da divisão do trabalho e fornecendo um produto estandardizado. Os autores

pretendem identificar as forças que favorecem esta mutação. A teoria de tal transformação só pode ser definida depois da realização de certos estudos particulares incidindo sobre as diferentes fases do fenómeno. Procurar-se-á, entre outros, definir os critérios de industrialização (consumo de fertilizantes, coeficiente de capital, grau de mecanização, estrutura do volume de negócios).

Passando à rubrica especificamente sociológica do ficheiro, encontram-se numerosas investigações, cheias de actualidade e interesse.

Assim, no que respeita à difusão do progresso técnico, o trabalho confiado a Marie Claude Lacoste, procura precisar os conceitos de «progresso técnico», «transformação em meio rural», «comunicação», «informação» e «difusão de ideias». A partir deste trabalho de definição, procurará a autora delimitar o campo de investigação, passando, em seguida, a considerar três etapas no trabalho de campo:

1.a) Procurar, por meio de entrevistas não directivas, definir a representação do «progresso» no meio agrícola. Tais entrevistas serão efectuadas em regiões diferentes, do ponto de vista da orientação das produções agrícolas e do grau de evolução.

2.a) Comparar a noção de progresso assim definida ao nível do «vivido» com a noção de grau de evolução definida a partir de critérios chamados «objectivos». Esta comparação poderá, por exemplo, fazer sobressair a inadequação de certas atitudes limitantes dum rápido progresso, ou, vice-versa, a inutilidade duma certa forma de progresso em relação às necessidades reais.

3.a) A difusão duma forma de progresso numa região considerada «em evolução», procurando identificar as diferentes redes de influência (*influence networks* dos sociólogos americanos) e analisar a sua eficácia.

A enorme actualidade da agricultura de grupo leva naturalmente a incluir a sua fundamentação sociológica nos planos de investigação.

O estudo sociológico dos agrupamen-

tos de camponeses, a cargo de Pierre Boisseau, tem por objectivo saber como se formam e funcionam os grupos de ajuda mútua entre camponeses. O conhecimento das modalidades de desenvolvimento dos grupos, apresenta o interesse de esclarecer os esforços de adaptação da agricultura francesa às transformações económicas actuais.

Os métodos utilizados têm em conta a originalidade das comunidades rurais e a preocupação de proporcionar uma ideia sobre a organização dos grupos e as suas relações. Assentam sobre inquéritos etnológicos com entrevistas e observações num pequeno número de comunas e cantões, escolhidos em regiões diferenciadas para apreciar as possíveis diferenças nas evoluções.

O ano de 1964 foi consagrado primeiro a uma exploração do tema por meio de documentos e de contactos a diferentes níveis e em seguida a um inquérito rápido junto dos agricultores de algumas regiões, destinando-se o de 1965 ao estudo mais profundo, no âmbito dum inquérito monográfico mais geral.

Ainda em relação à agricultura de grupo, um interessantíssimo projecto, confiado a Rose-Marie Bouniol e Marie-Thérèse Charles, trata do papel da acção de grupo na promoção feminina em meio rural.

Este projecto, exposto com certa minúcia, inclui os seguintes aspectos:

### 1) Objecto

Surgem actualmente em meio rural numerosas formas de acção colectiva, relacionadas com a aceleração da evolução das estruturas sócio-económicas na agricultura. Se a acção de grupo é susceptível de melhorar as condições de trabalho das lavradeiras e as condições de vida da família agrícola, levanta no entanto problemas em matéria de adaptação dos indivíduos aos grupos, dos grupos ao meio ambiente e de relações inter-grupos; ela é igualmente susceptível de fazer evoluir os papéis femininos em meio rural: são estas as hipóteses de base do estudo iniciado em 1962 e que procura determinar a função do grupo na promoção feminina em meio rural.

### 2) Método

Este estudo é baseado na observação de grupos existentes na agricultura, limitando-se actualmente aos grupos femininos centrados na formação de adultos (CETMA, vulgarização), situados no Oeste da França.

As investigações, de tipo psicossociológico, são feitas a partir de entrevistas individuais e de grupo. Os materiais recolhidos nestas entrevistas são completados por uma documentação bibliográfica com vista ao estabelecimento duma monografia do meio em que se exercem as actividades dos grupos observados.

### 3) Programa

Inventário da documentação e contactos com diversos organismos (1962). Inquérito preliminar por entrevistas e inquérito por questionário junto dum grupo feminino (CETMA). Colheita de dados relativos ao meio ecológico desse grupo (1963). Entrevistas individuais e de grupo junto das mulheres não aderentes ao grupo e junto de técnicos de ambos os sexos (1964). Falta estabelecer as correlações entre os diferentes «materiais» recolhidos e as comparações com outros grupos localizados noutras regiões.

### 4) Coordenação

Foram estabelecidos contactos com diversos organismos profissionais (mutualidade, vulgarização, promoção, CETMA, etc.) no escalão regional e nacional.

O estudo é realizado em colaboração com o Centro de Estudos da Difusão da Agricultura de Grupo e a Faculdade de Letras de Rennes (acção de psicologia social).

### 5) Perspectivas

Este estudo poderá contribuir para o melhor conhecimento dos problemas que se levantam aos grupos rurais no que respeita à sua formação, evolução e influência sobre os aderentes, bem como à sua zona de acção.

R. M. Bouniol propõe-se aprofundar,

(Conclui na pág. n.º 258)

# Repovoamento pelo castanheiro de terras favoráveis à sua cultura

Por  
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES  
Eng. Silvicultor

(Continuação do número 2561, pág. 141)

A cultura do castanheiro tem ainda no nosso País uma importância considerável e pode-se afirmar que dela depende o sustento e manutenção de milhares de famílias durante alguns meses do ano.

O castanheiro, apesar das vicissitudes porque tem passado desde há longos anos, é pródigo nas suas dádivas pelo que nunca é demais evidenciar o seu valor do ponto de vista económico. Ele produz abundantemente quer se explore como produtor de fruto ou de material lenhoso.

As suas produções, no entanto, variam consideravelmente de região para região e dentro da mesma região conforme as variedades ou formas culturais, a natureza dos terrenos e ainda o modo de cultivo.

Nas considerações que vamos apresentar quanto à capacidade produtiva do castanheiro tomamos como base a idade média de produção que normalmente não ultrapassa os 80 anos e ainda que ele vegeta em condições normais e em terras próprias para a sua cultura.

Assim, a produção de um castanheiro vegetando isoladamente nunca é inferior a 100 kg de castanha. Em povoamento e quando os compassos oscilam de 12 a 16 metros não raro se obtêm 2500 kg por hectare. Contudo, nos soutos do continente a distância entre as árvores é em

média de 10 metros, sendo a produção um pouco mais baixa mas quase sempre nunca é inferior a 2000 kg por hectare.

As produções indicadas são ligeiramente superiores às verificadas em Espanha, França e Itália o que não é de estranhar uma vez que a cultura do castanheiro de fruto no nosso País é mais esmerada em amanhos e normalmente abrange terrenos mais produtivos.

Segundo J. Elorrieta y Artaza (técnicos espanhóis) a produção média dos soutos em Espanha, com características semelhantes às anteriormente descritas, não ultrapassa os 1500 kg/hectare. O mesmo se verifica em Itália e França cujo rendimento de soutos normalmente constituídos raramente é superior a 1000 kg de castanha por hectare.

De uma maneira geral os soutos portugueses das regiões favoráveis à sua cultura produzem abundantemente (Fig. 1), sobretudo aqueles que ocupam terras de razoável profundidade arável e são mobilizados uma vez, pelo menos, anualmente. O castanheiro não é muito exigente mas tal como qualquer árvore de fruto agradece os amanhos mesmo superficiais.

Modernamente a sua cultura faz-se à base de adubações com bons resultados muito embora se torne mais dispendiosa. O aceleramento do desenvolvimento vegetativo e aumento das produções com-

pensam largamente o dispendio resultante do emprego de fertilizantes.

Das considerações expostas pode-se concluir que um souto normalmente constituído e em idade média de produção pode dar um rendimento bastante compensador tanto mais que a despesa de cultura se limita quase sempre a uma ou



Fig. 1—Apesar dos seus 70 anos de idade a produção mostra-se bastante prometedora

duas lavouras anuais e a uma limpeza de três em três anos.

Se considerarmos que os produtos da limpeza pagam a despesa, que 10 o/o da produção pagam os amanhos culturais, que 10 o/o do fruto não tem valor comercial e ainda que o produtor vende normalmente a castanha ao preço médio de 2\$00 por kg, um hectare de castanheiros pode render cerca de 3 200\$00 anualmente.

Este rendimento líquido será acrescido ainda do valor da castanha não comercial que o agricultor utiliza na alimen-

tação dos seus familiares e dos gados. Parece-nos portanto valer a pena cultivar o castanheiro como produtor de fruto tanto mais que hoje é possível obter produções semelhantes de souts constituídos por árvores mais novas.

Como a cultura do centeio nas regiões propícias à cultura do castanheiro é de uma maneira geral deficitária só há vantagem em aproveitar as terras centeeiras pelo castanheiro, principalmente porque as duas espécies se podem consociar vantajosamente durante 15 anos sem afectar grandemente a produção da castanha.

É claro que a partir deste período não é de aconselhar a consociação a não ser com plantas leguminosas; porém, nesta altura o castanheiro já produz quantidade apreciável de fruto e conseqüentemente a valorização da terra fica assegurada.

A castanha que no nosso País amadurece de 15 de Setembro a 15 de Novembro cai espontaneamente por deiscência do ouriço. Os primeiros frutos a cair são os do centro do ouriço os quais se devem recolher imediatamente.

A queda natural da castanha é a que mais convém não sendo de aconselhar o varejo pois é prática muito prejudicial para a vida do castanheiro e suas frutificações sucessivas. É frequente em algumas regiões do País, principalmente no Alto Alentejo, varejar os ouriços, prática condenável, porque as árvores sofrem muito, e desnecessária dado a castanha se despegar do ouriço com relativa facilidade devido ao seu próprio peso.

A melhor maneira de evitar a deterioração dos frutos é realizar a apanha à medida que vão caindo. Esta medida é sempre de aconselhar mas sobretudo se o tempo está chuvoso, pois se a castanha se conservar muito tempo em contacto com a terra adquire condições favoráveis ao ataque de fungos diversos que a prejudicam do ponto de vista comercial. A castanha logo após a sua apanha deve colocar-se em locais frescos e arejados e não amontoada, para que não fermente. Há vários fungos dos géneros Mucor, Rizopus, Penicilium, etc., que atacam a

amêndoa da castanha desagregando-a e dando-lhe um sabor desagradável que a torna imprópria para consumo.

Estes microorganismos podem inutilizar uma colheita em poucos dias desde que a temperatura e humidade sejam propícias ao seu desenvolvimento. Deve-se à sua acção o terem sido rejeitadas, pelos Serviços oficiais, grandes quantidades de castanha destinada à exportação.

Os prejuízos resultantes de deficientes condições de colheita e armazenamento podem afectar grandemente o comércio e em especial o produtor, como facilmente se compreende, uma vez que o valor anual da castanha exportada raramente é inferior a 10 000 contos e que aquele da castanha consumida em Lisboa e Porto atinge, por vezes, cerca de 1 milhão de escudos.

É claro que estes números são referentes apenas a uma parte da produção nacional uma vez que a maioria é utilizada pelas populações rurais das regiões produtoras na sua alimentação e de seus gados. O seu valor, no entanto, não deixa de ser de considerar porquanto a castanha substitui em muitos lares a batata e outros alimentos pelo menos durante os meses de Outubro a Dezembro.

Para reforçar os elementos referidos muito poderíamos ainda dizer; porém, apenas diremos que a castanha se consome não só em verde como depois de seca (pilada) e que neste estado se exportam, anualmente, milhares de quilogramas a um preço bastante compensador.

O produtor tem sempre vantagem em conseguir um maior rendimento dos seus soutos pelo que não deve descurar a melhor solução dos problemas inerentes à cultura do castanheiro, comercialização e consumo da castanha recorrendo sempre que necessário aos técnicos do Centro de Estudos do Castanheiro, com sede em Alcobaça, e aos seus Serviços Regionais localizados em Bragança, Castelo de Vide e Guarda.

A cultura do castanheiro de fruto embora bastante prejudicada pela «Doença da Tinta» ainda beneficia grandemente o agricultor e a balança comercial do País.

(Continua)

## As «Instalações de campo» do Ensino Superior Florestal

(Conclusão da pág. 249)

A instalação de campo na **Serra de Lousã** (Goes, Arganil ou Lousã) serviria apenas para uma visita anual, de passagem, ou estadia mais demorada quando fosse julgado pedagogicamente útil.

Ficava o Sul a descoberto, mas é mais fácil ir de Lisboa ao Ribatejo, Alentejo e Algarve, sem grande necessidade de instalações especialmente preparadas, a não ser em relação ao Algarve.

As zonas abrangidas a Norte do Tejo oferecem uma grande variedade de aspectos das actividades florestais em todas as suas modalidades, desde a Silvicultura, Economia e Tecnologia florestais, à Hidráulica Torrencial, Regime Silvo-pastoril, Aquicultura e Cinegética, completando-se umas às outras de molde a cobrirem praticamente mais de metade do País.

Apenas há que considerar, além de muitos problemas ainda a resolver, mesmo só em relação a Sintra, para tirar das instalações próprias todo o rendimento pedagógico que oferecem, como um dos obstáculos mais difíceis de vencer, a falta de pessoal didático exclusivamente ligado ao Ensino Superior Florestal, reduzido nesta altura a 2 Professores catedráticos (um contratado), 1 Professor extraordinário e 1 assistente. De facto, assim, seria muito difícil utilizar todas essas instalações, por isso me vou conformando só com a de S.<sup>ta</sup> Eufemia, cuja utilização poderá vir a ser feita para já mais fácil e assiduamente.

E depois, mais tarde, à medida que este último e todos os outros problemas ligados à reforma do Ensino Superior Florestal, vierem a ser resolvidos, valerá a pena voltar à carga, para mais uma batalha, nesta já longa e tão difícil campanha, onde tem sido inexplicavelmente mais difícil vencer os interessados na mesma causa do que os seus inimigos ou indiferentes a ela.

Assim não me faltem forças e ânimo, ou a quem me substitua, para essa nova arrancada, e os ventos corram mais de feição...

# Os planos agrícolas e a CONTRIBUIÇÃO DA VULGARIZAÇÃO

Por  
JOSÉ LUÍS PESSOA DA GRAÇA

Os agrupamentos económicos existentes na Europa (Mercado Comum, EFTA, OCDE, FAO, etc.), têm dedicado muito dos seus esforços à resolução dos problemas agrícolas, tanto na Europa como no resto do mundo.

O espectro da fome que ameaça enormes Zonas da Terra, obriga os países agricolamente mais evoluídos a encararem com a maior atenção o incremento e a beneficiação dos produtos agrícolas, e assim em diversas nações se estão realizando urgentes reconversões e novas planificações, de modo a se obterem melhores rendimentos dos produtos saídos da terra.

Em Portugal essa luta contra a rotina, os elementos e a improdutividade tem sido, de há alguns anos para cá, urgente.

Nota-se já no nosso País, a criação de várias indústrias agrícolas, a adopção de actualizadas práticas culturais e um desejo de mais e melhor se agir e produzir.

Ainda recentemente, o Regime Cerealífero, instituiu dotações para aqueles lavradores que procedam à reconversão das suas explorações, ou pelo menos, se disponham a melhorar as práticas culturais nas suas propriedades.

É isto já um passo em frente, mas não é ainda tudo. Necessário se torna, da parte da Lavoura, boa vontade de acertar e vencer e por parte dos organismos oficiais e particulares, técnicos agrícolas, etc., uma acção eficaz nos campos financeiro,

doutrinário, técnico e social, em suma, de uns serviços de divulgação aptos a bem encaminharem a nossa agricultura para rumos mais amplos e prósperos.

A República Federal Alemã, em competição com os seus associados no Mercado Comum, verificou que só uma completa remodelação na sua agricultura conseguiria pô-la apta a emparceirar com as outras agriculturas, e assim meteu ombros a essa urgente tarefa, e uma pálida amostra do que ela foi, consta do artigo escrito por H. HARTAN, o chefe da Secção de Ensino e Vulgarização do Ministério da Alimentação, Agricultura e Florestas, e foi publicado na «Revue Fatis» N.º 2-1964, como transcrevemos a seguir.

Nesse artigo, é-nos mostrada a activa participação que os Serviços de divulgação alemães têm tido na execução dos planos de reconversão e melhoramento da agricultura germânica.

Em quase todos os países europeus o desenvolvimento da agricultura é caracterizado por:

1. Crescimento da economia nacional, em particular nos campos técnicos, tais como o da agricultura, a qual beneficia dos progressos continuos da pesquisa nas disciplinas técnicas e de economia rural.

2. Criação de organizações, tais como a Comunidade Económica Europeia, tendo um alcance supra-regional ou mesmo mun-

dial e que exercem uma influência sobre os preços dos géneros alimentícios e o custo de produção.

3. Elevação do nível de vida, reflectido pelas trocas intervenientes na comercialização dos produtos agrícolas, que tem já influência sobre a produção e que terá, sem dúvida, influência ainda maior no futuro.

As pressões exercidas pela concorrência intra e supraregional geram problemas que os lavradores europeus só com dificuldade poderão resolver, dada a predominância existente na Europa de explorações de pequena e média dimensões.

Os governos nacionais que são a favor de uma população rural independente, como elemento importante da nação sob o ponto de vista económico, político e social, são por isso mesmo, obrigados a auxiliar os agricultores a vencerem as dificuldades que se deparam hoje na agricultura; de facto quase todos os países puseram em execução diversos planos e campanhas destinadas à ajuda e manutenção da agricultura. Nisso se dispendem milhões, provenientes dos rendimentos nacionais. Os parlamentos e os governos não põem, por assim dizer, em dúvida a necessidade desta ajuda, mas a melhor maneira de utilização dos fundos disponíveis tem sido objecto de numerosas discussões e estudos.

### **A missão dos conselheiros agrícolas**

A necessidade de transformação e adaptação das explorações agrícolas, de modo a torná-las aptas a enfrentarem as exigências modernas, deu origem a novas ideias e objectivos no sector da vulgarização agrícola.

Do ponto de vista da vulgarização, o ajustamento agrícola engloba todas as medidas conducentes, a assegurar a sã gestão de uma exploração, tendo em conta os progressos verificados na técnica e na agricultura, bem como as exigências e as possibilidades correntes no mercado.

Assegurar à população agrícola um rendimento suficiente, é também um objec-

tivo importante da vulgarização. Nesta ordem de ideias, é aqui que incumbe ao conselheiro apelar para o lavrador nas suas qualidades de chefe da exploração e de empresário.

Os sucessos obtidos pela vulgarização convencem o lavrador e levam-no a adoptar medidas que lhe serão tão proveitosas, como para a sociedade em geral. No entanto, é dever de um vulgarizador dar apenas os conselhos adequados e deixar ao livre arbítrio do lavrador a decisão final.

No que respeita aos planos agrícolas governamentais, a ajuda do vulgarizador varia consoante a natureza e os objectivos de cada programa.

Tomando, como exemplo, algumas medidas adoptadas na política agrária, tentaremos definir rapidamente qual o papel a desempenhar pelo conselheiro agrícola na sua contribuição para a execução destas medidas, postas em prática na República Federal Alemã.

### **Os planos agrícolas alemães**

São estes classificados em duas categorias principais:

1. Medidas destinadas a melhorar a estrutura agrícola e as condições gerais de trabalho e de vida na agricultura.

Estas medidas compreendem a aceleração dos processos de emparcelamento das terras; o aumento e reorganização das explorações; ajuda financeira a determinadas regiões; a construção de estradas rurais; medidas de organização hidráulica; projectos habitacionais para os trabalhadores agrícolas; encorajamento das actividades de economia doméstica rural, etc..

2. Medidas destinadas a aumentar os rendimentos da população rural.

São aqui compreendidas a racionalização dos métodos de produção; a normalização da superior qualidade dos produtos agrícolas; os melhores processos de comercialização e encorajamento de uma melhor gestão agrícola, que inclui a concessão de créditos especiais permiti-

vos das mudanças necessárias nas actividades agrícolas.

Para a maioria das medidas destas duas categorias, incumbe ao serviço de vulgarização a missão de conselheiro junto dos lavradores, e, até certo ponto, de força directriz dos planos governamentais.

### **Melhoramento da estrutura e das condições de vida**

As subvenções a conceder para o melhoramento da estrutura agrícola, revestem-se duma importância especial, visto constituírem a base para a maioria dos outros programas. O principal cuidado dos conselheiros agrícolas, no que respeita aos ajustamentos estruturais, é a de bem estabelecer o plano das medidas a tomar.

O conselheiro, possuindo a confiança dos agricultores da região onde actua, deverá estar apto a preconizar os melhoramentos estruturais susceptíveis de assegurar uma produção agrícola cada vez mais elevada e económica.

No plano prático, a vulgarização necessita, em todos os casos, da existência de uma cooperação estreita entre os exploradores e os seus conselheiros, antes, durante e após a aplicação dos ajustamentos numa exploração ou comunidade.

### **O emparcelamento das terras**

Se se quiser utilizar plenamente todos os meios disponíveis para melhorar a estrutura agrícola, tais como o de emparcelamento de terras muito divididas ou o estabelecimento de pequenas empresas industriais nas zonas rurais, importa, antes de tudo, determinar quais são os métodos realizáveis e possíveis. É o que se faz na fase dita «elaboração de ante-projectos». O conselheiro deverá efectuar, para este fim, um exame pericial, o qual se pode subdividir em três partes:

1. Determinação e estudo das condições existentes.

2. Determinação dos objectivos de modificação na estrutura agrícola da co-

munidade, e recomendação das medidas necessárias para se atingirem estes objectivos.

3. Sugestões detalhadas, respeitantes à aplicação das medidas propostas.

A primeira parte consiste no estabelecimento de um inventário geral. O conselheiro agrícola, por exemplo, deverá verificar se o solo é correctamente utilizado, dadas as suas propriedades físicas; deverá observar a gestão de todas as explorações e classificá-las segundo os diferentes sistemas de cultura; deverá também examinar o equipamento e as instalações existentes nas explorações e a maneira como são utilizadas. Numa palavra, o conselheiro agrícola deverá formar uma imagem tanto quanto possível clara de cada exploração e das possibilidades de melhoramento que ela apresenta.

(Continua)

---

## **DA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA**

(Conclusão da pág. n.º 252)

a partir deste estudo a *pedagogia da promoção feminina pelo grupo em meio agrícola*.

Antes de terminar, quero ainda fazer referência a um outro trabalho sobre psicossociologia, por ser matéria já referida em anteriores artigos. Trata-se dum projecto confiado a Micheline Thomine-Desmazures sobre a *intervenção psicossociológica em meio rural*, concebido com 3 objectivos:

a) Estabelecer o balanço dos ensinamentos a extrair das intervenções já efectuadas.

b) Levantar o problema da pertinência das categorizações e dos métodos habituais.

c) Precisar os problemas teóricos sugeridos pelas dificuldades encontradas durante inquéritos (por exemplo, as particularidades do desenvolvimento mental em meio rural).



# A MACIEIRA

## 1 — Condições favoráveis à sua cultura: clima e solo

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS  
Eng. Silvicultor

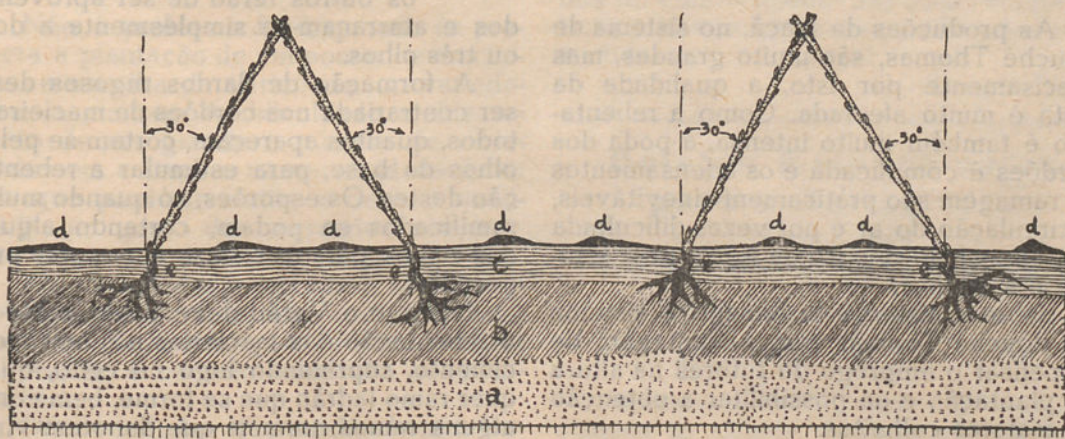
(Continuação do número 2563 pág. 218)

### b) Plantação e poda de formação da macieira explorada em cordão, segundo o sistema de Bouché Thomas

Neste sistema, respeitam-se os compassos de plantação apontados para o sistema de M. Lepage, mas as macieiras

da macieira, a constituição dos andares de frutificação torna-se mais complicada e a poda, tanto de formação, como de frutificação, é mais difícil, por ser muito abundante a rebentação.

A altura dos cordões não deve exceder os 2,20m, ficando, no entanto, com mais de quatro andares de frutificação,



plantam-se aos pares, inclinadas a 30° e em sentidos opostos. São ligadas nas extremidades com uma ligadura, de preferência de rafia, e acabam por se soldar, formando enxertos de encosto.

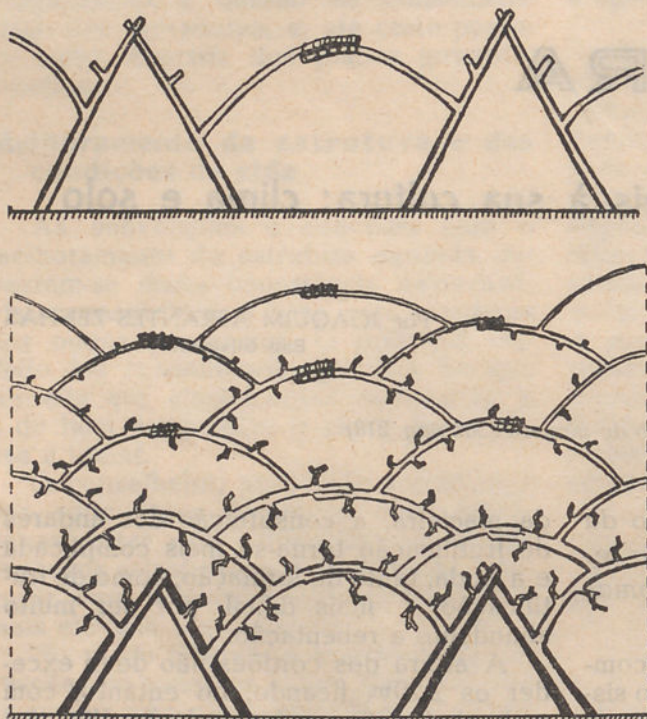
Seguindo este sistema de exploração

por se tornar necessário vergar vários ramos.

Estes vergam-se sempre a 30°, alternadamente em sentidos opostos e ligam-se dois a dois, obrigando-os com um fio de aço enrolado em espiral.

Todos os ramos que não sejam arqueados, devem ser atarracados a três olhos, para frutificarem.

Todavia, há sempre que suprimir alguns por ser exagerada a rebentação.



As produções de maçã, no sistema de Bouché Thomas, são muito grandes, mas precisamente por isto, a qualidade da fruta é muito afectada. Como a rebentação é também muito intensa, a poda dos cordões é complicada e os adensamentos da ramagem são praticamente inevitáveis, a circulação do ar é por vezes dificultada e a exposição dos frutos à luz, nem sempre é a melhor.

Sobre o sistema de Lepage, o sistema de Bouché Thomas tem a vantagem de dispensar o emprego de tutores na altura da plantação e de possibilitar a obtenção de maiores colheitas.

Não obstante estas vantagens, recomenda-se mais o sistema de M. Lepage, porque sendo também grandes as produções por ele conseguidas, são de mais fácil formação os andares do cordão, a fruta é de melhor qualidade e a poda oferece menos dificuldades.

### c) *Poda de frutificação da macieira explorada intensivamente em cordão*

Tudo quanto se referiu sobre a poda da pereira em cordão, aplica-se também à macieira explorada de forma idêntica.

Neste método cultural, seja no sistema de M. Lepage, seja no de Bouché Thomas, a macieira entra muito cedo em frutificação, tanto por os porta-enxertos lhe conferirem precocidade, como por o arqueamento dos ramos e a inclinação a 30° dos fustes lhe estimularem a diferenciação de esporões, logo desde as primeiras idades.

Sendo assim, não se pode considerar a poda de formação dos cordões, separada da sua poda de frutificação. À medida que os vários andares do cordão se vão formando, inicia-se a frutificação nos andares constituídos nos anos anteriores, à qual, portanto, tem de se subordinar a sua poda.

Os ramos que adensam em demasia os andares frutíferos, o que é frequente, sobretudo, no sistema de Bouché Thomas, devem ser suprimidos pela base. Todos os outros terão de ser aproveitados e atarracam-se simplesmente a dois ou três olhos.

Os ramos que adensam em demasia os andares frutíferos, o que é frequente, sobretudo, no sistema de Bouché Thomas, devem ser suprimidos pela base. Todos os outros terão de ser aproveitados e atarracam-se simplesmente a dois ou três olhos.

A formação de dardos rugosos deve ser contrariada nos cordões de macieira e todos, quantos apareçam, cortam-se pelos olhos da base, para estimular a rebentação destes. Os esporões, só quando muito ramificados se podam, cortando alguns dos ramos, para os reduzir a menores proporções.

Durante o Verão deve acompanhar-se a rebentação das macieiras e o seu crescimento, suprimindo logo no cedo, qualquer ramo ladrão que se forme, bem como alguns ramos normais que denotem vir a provocar adensamentos de ramagem.

Sempre que alguns dos elementos do cordão se mostre enfraquecido deve, pela poda equilibrar-se o seu vigor com a frutificação respectiva, suprimindo alguns esporões, para estimular a rebentação e dar melhores condições ao desenvolvi-

mento dos lançamentos formados. Pode, ainda, completar-se a acção da poda, tida aqui como de revigoramento, fazendo a monda das flores, permitindo assim somente a formação e vingamento do número de frutos que o estado de vigor da macieira, ou de alguns dos seus andares frutíferos, permita, sem prejuízo da formação de madeira nova.

Com estas indicações, desde que se conheçam bem os fundamentos e a técnica da poda de frutificação da macieira, não é difícil podar os cordões de macieiras, estabelecidos por qualquer dos sistemas descritos.

O que se impõe é não podar ao acaso, nem fazer cortes impensados, o que obriga a observar cuidadosamente as fruteiras antes de iniciar a operação.

A poda deverá estimular uma rebentação conveniente dos cordões, sem que seja exagerada, e conduzi-los a frutificações abundantes, dentro das possibilidades do método cultural, mas em equilíbrio com o seu estado de vigor.

A experiência e a observação permitirão ao podador satisfazer estes quesitos, podendo como se requer os cordões de macieira.

## 6—Variedades de macieira mais recomendáveis

Não é problema fácil, quando se projecta a plantação de um pomar de macieiras, a escolha da variedade, ou variedades, a plantar. A dificuldade reside no facto de ser grande o número de variedades em cultura e na necessidade de se ter que produzir muito, e de boa qualidade, ao gosto dos mercados consumidores.

As variedades a escolher, que deverão ter sempre interesse comercial bem marcado, devem adaptar-se bem ao clima da região, e ao solo onde vão ser plantadas.

Há variedades que se dão bem e frutificam em boas condições em qualquer clima, desde que seja temperado, mas outras são mais exigentes e temem-se de alguns acidentes climatéricos, como sejam as geadas primaveris. Também o grau de fertilidade do solo e as suas características físicas são condicionantes da escolha

das variedades, porque se há algumas que se adaptam a várias classes de solos, outras são mais exigentes e só em solos muito férteis é de recomendar a sua cultura.

A resistência de cada uma das variedades de macieira às doenças tem igualmente que ser tida em consideração, vindo, na generalidade dos casos, dar preferência às menos susceptíveis.

Finalmente há ainda que atender à fertilidade do pólen, pois para algumas variedades é muito pequena, e outras quase não frutificam, se não forem fecundadas com pólen de variedades diferentes. Sempre que se pretenda explorar alguma destas variedades, tem forçosamente de ser consociada a outra, que floresça na mesma altura, para garantir a fecundação das suas flores e correspondente frutificação.

O fruticultor não pode deixar de ponderar todos estes factores, antes de iniciar os trabalhos de plantação de um pomar de macieiras, sob o perigo de incorrer em fracassos difíceis de remediar.

Num próximo artigo apresentaremos a descrição de algumas variedades de macieira, entre várias de interesse comercial mais reconhecido, procurando fornecer alguns elementos de escolha, apoiados no conhecimento das suas características e nas exigências dos mercados consumidores.

(Continua)

---

## Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo  
Serviço Meteorológico Nacional

Influência do tempo nas culturas

2.ª década (11-20) de Março de 1966

As searas apresentam aspecto regular, principalmente no Alentejo. As vinhas estão já em rebentação em algumas regiões, e as árvores de fruto continuam a florir e a rebentar satisfatoriamente. As culturas hortícolas estão a desenvolver-se bem. Fizeram-se plantações de batata, mondas nas searas, colheitas de forragens, estrumações, podas, preparação das terras para as sementeiras da Primavera, tratamentos fitossanitários, etc..

# A CULTURA DA AVELEIRA

Por

JOSÉ MADEIRA PINTO LOBO

Engenheiro Agrônomo

A cultura da aveleira está a ter um cada vez mais justificado interesse nas regiões mais aptas para a sua cultura, onde esta melhor vegeta e produz.

Merece consequentemente que lhe seja dada maior atenção, orientando-se os lavradores que pretendam dedicar-se-lhe, por forma a que esta lhes dê o máximo de rentabilidade.

A aveleira é uma espécie simpática,

dando produções valiosas, conduzindo dessa forma a resultados económicos muito interessantes, tanto mais que as suas perspectivas comerciais são boas quer se considere o mercado interno quer o externo.

Em virtude de ser um fruto seco pode contar-se com um largo período para venda, não exigindo cuidados especiais quer na conservação quer no transporte.

O fruto tem variadas aptidões podendo ser consumido em seco, havendo países em que é também consumido em verde, utilizado em confeitaria, substituindo a amêndoa, entrando em saborosas pastas, aproveitamentos industriais como extracção de óleos e, finalmente, ornamental, utilizado como arbusto nas composições paisagísticas ou em arruamentos.

Têm especial interesse para esse fim as variedades de folhas coloridas: Blanche Longue, Purpurea e Rouge Longue.

Portugal figura entre os países exportadores: Turquia com 60%, o mais importante, Itália, com 22% a que se seguem: Espanha, Grécia, Argélia e Marrocos.

No nosso país a zona com maiores aptidões é a Beira Alta, especialmente os concelhos de Viseu, Mangualde, Sátão, Penalva do Castelo, Fornos de Algodres, Tondela, Carregal do Sal, Seia e Gouveia, tendo ainda interesse em Trás-os-Montes, Beira Litoral, concelhos mais interiores,



Inflorescências masculinas

neste mundo de complicações, não exigindo os cuidados e atenções de outras culturas frutícolas, com a vantagem de ter ainda muito poucos inimigos, pragas e doenças, do que resulta dispensar praticamente tratamentos.

Absorve por estes motivos pouca

Beira Baixa e Serra de S. Mamede no Alentejo.

Fora da primeira região indicada a cultura deve ser tentada com toda a cautela, pois, em regra, a aveleira vegeta muito bem, tanto ou mais do que na zona de eleição mas não produz economicamente.

### Notas botânicas sobre esta espécie

A aveleira é originária da Ásia Menor, sendo espontânea em algumas das nossas matas.

Trata-se duma espécie muito bem adaptada ao nosso país dando-nos conta desse facto a própria toponímia—Avelal, Aveloso, Avelãs de Cima; Avelãs do Caminho, Aveleira, etc..

Pertence à família das Cupulíferas e ao género *Corylus*.

As variedades cultivadas pertencem, na quase totalidade, à espécie *Corylus avelana*, ou a híbridos desta espécie com outras afins—*C. tubulosa*, *C. pontica*, etc..

Dentre os híbridos têm especial interesse a variedade turca Foudouk, resultante do cruzamento da *C. avelana* e *C. pontica*.

A aveleira é um arbusto com 2 a 4 metros de altura que, em virtude da tendência para a emissão de rebentos do colo e das raízes mais grossas, forma naturalmente uma moita, mais ou menos glubosa.

As folhas são alternas, com pecíolo curto, cordiforme, pubescente, na página inferior.

Os gomos são sesseis e ovais.

A árvore é *monóica*—tem flores masculinas e femininas no mesmo individuo. As flores masculinas dispõem-se em amentilhos cilíndricos, pendentes que se formam sobre os ramos do ano, na axila das folhas.

As flores femininas estão também reunidas em amentilhos curtíssimos, localizados na base do pedúnculo dos amentilhos masculinos ou sobre outro nó do ramo do ano.

É interessante a fecundação nesta espécie. Os amentilhos masculinos formam-se durante o Inverno, antes da rebentação das folhas.

A constituição da flor feminina é capri-

chosa, constituindo-se em primeiro lugar o estigma, antes do cálice, corola e mesmo do ovário.

Os óvulos formam-se em fins de Março-Abril.

No Outono as anteras largam o pólen que, pela acção do vento cai sobre os estigmas, que, como vimos, já estão formados antes das outras partes da flor.

O pólen germina aí e o tubo polínico vai penetrando no estilete e fica retido neste, em vida latente, até à Primavera.

Por volta de Março-Abril retoma a actividade, na altura em que se formam os óvulos, dando-se seguidamente a fecundação. Há assim entre a polinização e a fecundação, um período de cerca de 4 meses.

O ovário é infero, bilocular e contém, em cada lóculo, um óvulo.

A amêndoa é rica em óleo contendo 60 a 65 o/o.

### Exigências culturais

A cultura da aveleira tem uma grande expansão indo desde o Mediterrâneo até à Noruega.

Pelo que se refere a altitude tem igualmente grandes possibilidades de adaptação, indo desde o nível do mar até os 800 a 900 m.

Quanto a terrenos vai bem em solos de natureza e constituições muito diversas, preferindo, no entanto, os mais leves e permeáveis, não indo bem nos muito compactos, nem nos muito áridos, tendo preferência pelos francos, frescos, não indo bem também nos encharcados.

Há a convicção, não confirmada, de que as variedades de fruto redondo se adaptam melhor às regiões e exposições mais quentes, enquanto que as de frutos compridos se dão melhor nas regiões mais frias.

### Propagação

A aveleira pode reproduzir-se por vários processos mas na prática interessam apenas dois: a sementeira e os rebentos da raiz.

A sementeira deve fazer-se cedo, em Novembro, para que, quando chegar a Primavera, a casca já esteja mole e deixe

passar a humidade, indispensável à germinação e ofereça fraca resistência à passagem da jovem planta.

Tem o defeito de não reproduzir as características da planta-mãe pelo que também não é muito utilizado.

A propagação por meio de rebentos das raízes constitui o processo mais generalizado, pois é aquele que dá melhores resultados, tendo a vantagem sobre o primeiro indicado de reproduzir as características da planta-mãe.

A aveleira tem uma exagerada tendência para a emissão desses rebentos que, na cultura racional, deverão ser desbastados, aproveitando para reprodução os que se tiram das plantas em cultura.

Esses rebentos deverão ser postos em viveiro a fim de se fortalecerem, aumentarem e melhorarem o sistema radicular, e, após um ou dois anos, estão estes aptos a serem plantados no lugar definitivo.

Quem tiver aveleiras em produção poderá, se for cuidadoso, ter as plantas de que necessita para plantações ou substituições e ainda para venda.

## Polinização

Muito embora os dois sexos estejam presentes em cada árvore, pois se trata duma espécie monóica, é conveniente, com o fim de assegurar uma boa e regular produção, fazer a cultura de duas ou mais variedades em consociação. Devem estas variedades ser compatíveis uma com a outra, isto é, que os pólenes se fecundem reciprocamente.

Infelizmente não está feita a sinonímia das nossas variedades cultivadas nem sequer o respectivo inventário por zonas, sendo escusado dizer que ainda se não fizeram estudos sérios sobre o problema da polinização entre variedades.

Convém cultivar sempre duas ou três variedades com o fim de se assegurar uma regular produção, intercalando em talhões as variedades eleitas.

Segundo o Prof. Fieas Arikán, director da Estação Experimental da Aveleira da Turquia aconselha-se a utilizarem-se como polinizadoras as variedades de fruto pontagudo.

Devem seleccionar-se, para cada re-

gião, as variedades mais produtivas e com melhores possibilidades de venda, plantando-se unicamente as eleitas.

Dentre as variedades nacionais a que tem maiores possibilidades de adaptação e de produção é a Comum que tem o defeito de dar frutos mais pequenos.

Dá-se seguidamente a indicação das principais variedades estrangeiras, muito embora se não conheça o seu comportamento nas diversas regiões que se dedicam à cultura da aveleira.

### Variedades espanholas:

Garrofina — frutifica em grupos de 3 frutos, fruto redondo, casca fina, boa produtividade, temporã.

Negreta — frutifica em grupos de 2 ou 3 frutos, muito grandes, menor produtividade.

Cuplá — frutifica em grupos de 2 a 4 frutos, frutos mais largos do que compridos, casca dura e grossa, regular produtividade.

### Variedades italianas:

S. João — Precoce, fruto alongado.

Gentile do Piemonte ou Avelã de Lange — fruto de tamanho médio, redonda, casca dura.

Imperial de Trebizonda — fruto oblongo e grande, de casca tenra, árvore de vigor médio, muito fértil.

Giffoni — vigorosa, fruto esférico, saboroso.

Mortarella — árvore vigorosa e produtiva.

Santa Maria de Jesus — árvore vigorosa, fruto grande de cor avermelhada.

Varvarella — fruto oval, temporã.

### V. Francesas:

#### a) De frutos redondos:

Du Piemonte — vigorosa e fértil, fruto de casca semi-dura, boa qualidade.

Maravilha de Bolviller — árvore vigorosa, muito fértil, fruto muito grande, de casca semi-dura, excelente para o consumo em fresco.

b) Frutos compridos:

Blanche Longue (Baldina) — vigorosa, muito fértil, fruto de casca semi-tenra, com possibilidades ornamentais, devido à sua folhagem clara.

Bergeri — vigorosa e muito fértil, fruto muito bom, casca tenra.

De Beyne — vigorosa e de grande fertilidade.

Rouge Longue — vigorosa e de fertilidade média, fruto de casca semi-dura, boa qualidade.

Variedades turcas:

Ronde ou tombul — representando 70 o/o da produção turca, redonda, casca fina e brilhante, cor clara, com 50 a 55 o/o de rendimento de miolo.

Pointue ou Sivri — interessando a cerca de 10 o/o da produção, distingue-se da anterior por o seu fruto apresentar uma ponta, tida como polinizadora, sendo de 45 a 50 o/o o rendimento em miolo.

Baden ou Avelã Amêndoa — contribui apenas com 2 o/o para a produção turca, com amêndoa alongada, com fraco rendimento em miolo o que leva a exportar-se em casca.

Focha — variedade com fraco rendimento em miolo.

Pretende-se actualmente o máximo rendimento unitário que se consegue através da cultura intensiva.

Para esse fim as plantações deverão satisfazer aos requisitos seguintes:

- a) fazer-se uma cultura estreme, sem consociações nem culturas intercalares;
- b) com a máxima densidade, máximo número de plantas por hectare, compatível com as possibilidades do terreno;
- c) cultura bem cuidada;
- d) fertilizações copiosas;
- e) boa preparação do terreno.

Os terrenos deverão ser surribados a uma profundidade de uns 60 a 80 cm, utilizando-se, para este efeito, os modernos meios ao dispor da lavoura — tractores potentes equipados com buldozer ou char-

ruas capazes de fazer lavouras às profundidades indicadas, se o sub-solo não for rochoso ou de saibro demasiado duro, ou *ripper*, no caso contrário. O trabalho destas alfaias deverá sempre ser completado pelo buldozer, regularizando-o e dispondo-o por forma a que a cultura se faça, de futuro, mecânicamente.

Feita a preparação do terreno convém proceder à fertilização de fundo, empregando por ha:

Estrume . . . . .	30 a 40 ton.
Fosfato Thomaz . . . . .	2 ton.
Cloreto de Potássio . . . . .	1 ton.

Estes fertilizantes deverão ser enterados fundo, com uma lavoura feita a 30 a 40 cm.

Seguidamente dever-se-á fazer a marcação do avelal, adaptando-se um compasso que permita à árvore viver nas melhores condições vegetativas, um traçado que facilite a mecanização, e, tendo em atenção, estas condições meter-se no terreno o maior número de árvores por forma que este fique o melhor possível aproveitado.

O traçado que melhor satisfaz a estas condições é o *rectângulo, plantação em linhas*.

Neste as árvores ficarão mais juntas na linha e mais afastadas na entrelinha, procurando-se que as *moitas* que se formam se unam umas às outras constituindo uma sebe continua, mais afastadas na entrelinha a fim de permitir uma melhor iluminação e a passagem das máquinas para os diversos trabalhos culturais, arrojamento e tratamentos fito-sanitários.

Para se facilitar a mecanização devem orientar-se as linhas no sentido do maior comprimento do terreno, evitando as manobras das voltas que gastam tempo e combustível.

A orientação Norte-Sul é a que permite uma melhor iluminação.

Dado que as regiões aonde se faz a cultura da aveleira predominam os terrenos declivosos, deverá ter-se um especial cuidado com a orientação das linhas e armação do terreno quando esta se justifique.

(Continua)

# TRABALHOS EM ABRIL

Ainda neste mês se podem fazer lavouras preparatórias nos pousios e bem assim atalhar ou atravessar os terrenos destinados à cultura dos cereais de Outono e que já devem ter sido lavrados.

## NOS CAMPOS

Semear:—cereais de Primavera—arroz, milho estreme ou associado a feijão; trigo sarraceno, e, nas zonas frias, aveia e trigo tremês (fino, de Primavera, serôdio); legumes—amendoim, chicharo, feijão, feijoa, soja;—e para o fim do mês o feijão frade;—plantas oleaginosas—ricino;—e plantas têxteis—cânhamo e linho.

Semear pastos:—alpista;—ervilhac-da-Primavera;—girassol;—painço, por tempo firme, em virtude da nascença ser muito sensível às intempéries, e adubado convenientemente consoante o terreno;—erva do Sudão, que dá cortes sucessivos até o fim do Estio; milho basto ou milharada;—sorgo ou zaburro, capaz de grandes produções mesmo em sucessivos cortes;—milho miúdo;—luzerna, trevo branco, trevo híbrido e trevo violeta, em terreno bem preparado e generosamente adubado;—couve-galega e colza; e ainda beterraba, cenoura, chirivia.

Plantar:—açafão, batata comum, batata-doce e topinambo (deste tanto tubérculos como rebentos), devidamente adubados.

Plantar, no lugar definitivo, a rutabaga e a beterraba, criadas em viveiro, adubando-as convenientemente.

Estimular os lameiros com nitroamoniaco, ou adubo equivalente para se conseguir boa erva de corte ou pastagem; e

vedar dos gados os lameiros destinados à produção de feno ou a corte.

Decruar os milhos já nascidos; e se os frios os atrasarem ou se apresentarem amarelos, aplicar-lhes uma cobertura azotada.

Sachar batatas do cedo assim como ervanços, e aplicar-lhes também, sendo necessário, em cobertura, um adubo azotado.



Plantar ainda, nas zonas mais frescas, barbados ou tanchoeiras.

Concluir a poda ou alimpa, que pode prolongar-se até o fim do mês nas zonas mais frias do norte do País.

Limpar os troncos e pernas conforme tem sido indicado, trabalho que deve fazer-se especialmente nos dias húmidos.

Decruar, onde a terra o permita, sem perda de tempo, para não prejudicar a vegetação; e estravessar, se o tempo o aconselhar, gradando em seguida sempre pela manhã, estando o tempo seco, para aproveitar toda a humidade e frescura da terra.



Plantar ainda barbados de americano ou enxertos, que tenham sido abacelados a tempo, abicando-os sempre que seja necessário.

**NAS VINHAS** Enxertar ainda nos sitios mais frios e os bacelos que se encontrem mais atrasados.



Terminar a empa, não esquecendo as baceladas.

Adubar as vinhas cansadas, empregando os fertilizantes mais apropriados para a região e terreno. Enterrar os cevados (cezirões, fenacho, tremoços, etc.), onde estejam floridos ou bastante desenvolvidos, aplicando ao mesmo tempo gesso ou cal em pó nas terras falhas deste elemento.

Decruar à enxada ou charrueco, excepto nas terras que se mantenham pesadas; redrar ou esborralhar, onde já se tenha decruado cedo, se o terreno o indicar.

Cobrir ou abafar com rolo ou grade lisa, pelas manhãs, para diminuir a evaporação, se o tempo vai firme, de sol, nas regiões secas e quentes.

Esladroar já, com o cuidado de não eliminar o que possa fazer falta para esperas.

Preparar o material para a enxofra, desde a velha enxofradeira e torpilhas até aos modernos aparelhos, que com a mesma quantidade de fungicidas defendem mais larga superfície. Claro é não ser necessário apontar que apenas se devem empregar bons enxofres que o mercado oferece. Embora aparentemente mais caros, resultam mais económicos. Enxofrar o pâmpano.

Preparar os pulverizadores e fazer o primeiro tratamento contra o mildio onde tenham já aparecido os pâmpanos ou gamões.

Como medida de economia fazer os tratamentos conjuntos ao mildio e ao oidio.



Semear caroços de fruteiras, se estiverem estratificados; — pevides de laranjeiras e similares, palmeiras, areca, casiota, chamaerops, corifas, kentia, latania, phoenix, etc.. Plantar ainda estacas de oliveira e de videira porta-enxertos.

## NOS VIVEIROS

Enxertar das variedades apropriadas os cavalos com o suficiente desenvolvi-

mento, e recorrer a unguentos para os de garfo.

Mondar e sachar os diversos talhões necessitados. E nitratar, onde for necessário estimular, ou aplicar cevadouros.

Vigiar os enxertos anteriormente feitos livrando-os dos ladrões que aparecerem.

Nos viveiros florestais — prosseguir com as repicagens não efectuando a preparação dos alfobres para efectuar as sementeiras de: videiros, freixos, pinheiros, sylvestris, insignis, laúcio, larix, cupressus, cedros, abetos, piceas, etc..

Plantar ainda as últimas estacas de choupos, especialmente no Norte.



Acabar a preparação das terras para as sementeiras e plantações da época cavando ou lavrando, estrumando e adubando quimicamente, corrigindo com cal, gesso ou sucedâneos; seguir no caso de dúvida, as indicações em muitas ocasiões indicadas nestas colunas.

Semear, ao ar livre ou em alfobre, alcaparra e tomilho; aipo, alface, acelga,

chicória, alcachofra; couves diversas—de Bruxelas, flor, da Póvoa ou couvão, portu-

## NAS HORTAS

guesa ou cedovém, repolho, sabóia, beringela e rutabaga;

— em vasos, para transplantação, abóboras, melões e pepinos;

— e, no lugar definitivo, agrião, espinafre, mastruço; erva doce, mangerona, mostarda, pimpinela, salsa e tomilho; gombo ou quiabo e cebolinha para conserva; cenoura, nabo, pastinaga, rábano e rabanete; abóbora, melancia, melão, pepino; ervilha, feijão rasteiro e de trepar e lentilha.

Plantar: — alface, acelga; cebolo, poro; batata, beterraba, espargos (garras), morangueiro; hortelã, oca e mangerona; couves diversas (de Bruxelas, galega ou verso, portuguesa, couvão, repolhos); pimentão e tomateiro; e aplicar-lhes, logo que estejam pegadas, nitrato em cobertura, para recuperarem o atraso devido à transplantação.

Sachar, mondar e regar de manhã as sementeiras e plantações dos meses anteriores, dedicando aos alfobres cuidados especiais.

Mondar as sementeiras que se apresentem muito bastas.

Cuidar dos morangueiros, livrando-os de ervas ruins, cortando-lhes os braços e adubando-os conforme convir.

Amontoar espargos.

Defender dos insectos daninhos, especialmente lagartas e lesmas, pela aplicação de caldas ou iscas fluosilicatadas, compostos que tenham por base insecticida apropriado ou com qualquer dos bons produtos que o mercado oferece.



Plantar fruteiras de espinho, laranjeiras e similares, que de ano para ano mais rendimento dão ao pomareiro.

## NOS POMARES

Enxertar diversas fruteiras de escudo e de garfo e aplicar, neste caso, bons unguentos, que facilitam o pegamento.

Observar as ligaduras dos enxertos feitos nos meses anteriores.

Esladroar, sobretudo as árvores novas e os enxertos feitos anteriormente.

Pulverizar:— contra o pedrado das nespereiras e a lepra do pessegueiro com caldas apropriadas;— contra lapas e escamas com emulsões oleosas aplicadas aos citrinos depois da floração;— contra o piolho, pulgão ou formiga, etc., com as caldas convenientes e escolhidas conforme a praga a combater.

Para a luta contra todas estas pragas encontram-se no mercado produtos de seguro efeito e que, em muitos casos, resultam mais económicos que os de preparação caseira.

Disponer, em locais apropriados, frascos apanha-moscas para o combate à mosca da fruta, e, de noite, lampeões ou faróis munidos de recipientes com iscos para a apanha de borboletas.

Isolar as árvores com cintas de viscos e combater a formiga com caldas de clordane.

Na Madeira sachar e regar abacatei-

ros, anoneiras e citrinos;— transplantar para o fim do mês, mondar e sachar bananeiras; preparar terra para a primeira aplicação de guanos; limpar de flores e folhas secas os cachos das bananeiras;— enxertar e podar anoneiras.



Terminar, tão breve quanto possível, os cortes de talhadia.

Efectuar as últimas sementeiras e plantações, podendo contudo prosseguir-se com a plantação de árvores envasadas por tempo mais lato.

Enxertar de coroa os castanheiros destinados a frutos.

Podar e limpar os castanheiros mansos, tendo o cuidado de eliminar o lenho apodrecido e preservar da chuva as grandes feridas com recurso a argamassas apropriadas.

Colher a gema nos pinhais sujeitos a resinagem, segundo os preceitos regulamentares.

Limpar montados.—E ainda limpar ou abrir aceiros para evitar a propagação de incêndios.



As instalações devem manter-se perfeitamente limpas. Durante o dia serão arejadas e iluminadas. Todas as semanas ou todas as quinzenas, desinfectam-se, ou caíam-se, sendo possível.

## NO AVIÁRIO

Redobram-se os cuidados tanto com as adultas como com as crias. A inspecção será frequente sobre a existência de parasitas. Para evitar o aparecimento ou a propagação do piolho, estar-se-á prevenido com pós insecticidas, que se encontram no mercado e com que se conseguem bons resultados.

## Galinhas

Incubação—Continua, porque a época é ainda muito favorável; aproveitam-se todas as fêmeas que acusem choquite,

e, na sua falta, ou em complemento, recorre-se à chocadeira, que, bem regulada, é certa.

**Pintos**—Os obtidos em chocadeiras, atingidos dois meses, habitua-se gradualmente a passar sem calor artificial a não ser de noite.

Não esquecer as convenientes vacinações, indispensáveis para a defesa de doenças que tantos prejuízos causam.

**Alimentação**—A partir das três semanas dá-se uma mistura seca, preparada com os alimentos já referidos, completada com verduras picadas; e, além das 5 a 6 semanas, adoptam-se já as papas. Os cereais germinados, especialmente a aveia, são valiosos. A farinha de ostras ou a casca de ovos moída não deve faltar, assim como umas pitadas de carvão em pó.

Convém destacar que a composição dos alimentos é fundamental para o sucesso do aviário e daí o aconselhar-se a aquisição de rações preparadas por casas especializadas. Só assim o avicultor pode ter a certeza de bem alimentar as suas aves quer em composição quer em relação à idade e função (crescimento, carne ou ovos).



Revistar os cereais e legumes, padejá-los e arejá-los, abrindo os celeiros só de dia, pois os insectos incomodam-se com a luz.

## NOS CELEIROS

Aplicar produtos dos muitos que há hoje no mercado, no caso de aparecerem alguma ou algumas das pragas dos celeiros ou até como simples medida preventiva, que é sempre útil e não dispendiosa.



Continuar a trasfega se ainda não está completa, e o engarrafamento dos vinhos e das aguardentes, em tempo seco e sossegado, isto é, nas condições de ambiente, tantas vezes indicadas nestas páginas.

## NAS ADEGAS

Ventilar intensamente sobretudo se o

tempo decorrer húmido para evitar o aparecimento dos mofos que são dos maiores inimigos das adegas.

Vedar as fugas de vinho, ainda que pequenas, porque atraem os mosquitos, os grandes propagadores da azedia.



Na maior parte das regiões melíferas do País, é em Abril, quando o ano corre normalmente, que se faz a colheita principal. Em todas essas regiões estão indicados todos os trabalhos mais importantes do apiário: a colocação dos melários,

## NO APIÁRIO

os desdobramentos, as passagens de colmeias fixas para colmeias móveis, todas as manobras para repressão da enxamegem e fortalecimento das colónias fracas, criação e substituição de mestras, etc..

Sobre a colocação de melários deve-se atender a que só sejam dados às colmeias que os reclamem e não demorar um momento sequer a sua entrega àquelas que deles precisem.

Para se regularem e orientarem nesses serviços, as pessoas pouco experientes, devem reparar: se todos os quadros do corpo da colmeia estão ocupados com criação, pólen e mel; se as abelhas começam a alongar as células junto às travessas cimeiras dos quadros centrais, com cera nova e branca, e a depositá-la mesmo ao longo daquelas travessas; se, finalmente, ao levantar a tampa que cobre os quadros ela vem literalmente coberta de gado.

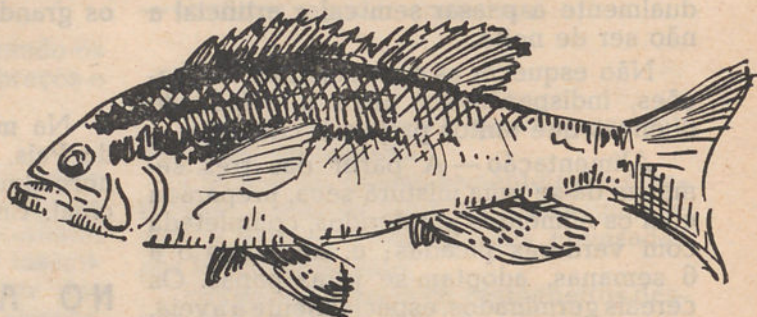
Este último facto ou sinal, é dos mais importantes; mas para se avaliar todo o seu alto valor e significação, é necessário fazer o exame ao cair da noite.

Na colocação da segunda ou terceira ordem de melários, o apicultor tem de guiar-se pelo estado e desenvolvimento da colheita e assim os colocará em cima ou os meterá por baixo dos existentes, conforme a colheita vai muito ou pouco adiantada. Para quem deseja aumentar o número das suas colmeias, a ocasião é excelente para proceder aos desdobramentos desejados.

## CAÇA E PESCA

# ACHIGÃS

Por ALMEIDA COQUET



**F**ORAM, salvo erro, os Serviços Aquícolas nacionais que aqui há anos introduziram esta espécie no nosso País, na Metrópole e nos Açores.

Embora já talvez bastante conhecido aqui, convém no entanto fixar nesta secção um rápido apontamento sobre a origem e desenvolvimento deste peixe.

Oriundo da América do Norte, foi classificado em 1802 por Lacépède, naturalista francês, que erradamente o baptizou com o nome científico de *Micropterus*, que significa *Barbatana pequena*, pela simples razão do exemplar preparado que observou ter a barbatana dorsal mutilada!

O nome deste peixe, na América, foi sempre o de *Black bass* (isto é, robalo negro), existindo no entanto duas variedades principais: o *smallmouth* e o *largemouth*, nomes que significam *boca pequena* e *boca grande*, respectivamente.

Primeiramente o *Black bass* vivia nas águas interiores a leste das Montanhas Rochosas, mas à medida que os salmonídeos começaram a rarear, foram os americanos introduzindo o *Black bass* em muitas outras águas — lagos e correntes, onde a espécie se desenvolveu com rapidez incrível.

Curioso que cada uma das duas variedades prefere águas diferentes: o *smallmouth*, em correntes e lagos de água límpida, com fundo rochoso; e o *largemouth* em águas baixas, com vegetação subaquática.

Em suma, tornou-se o peixe desportivo

preferido dos americanos, embora a protecção mais tarde concedida aos salmonídeos pelos Serviços Aquícolas norte-americanos, viesse corrigir bastante a posição deficiente dos últimos em face dos robalos.

E' notório o delírio de muitos pescadores americanos quanto ao *Black bass*, entre os quais se cita um, que afirmou: — «Nós outros, americanos, sentimos bem que em nenhum outro país se dá a importância merecida a este peixe; é o mais batalhador de todos, comparando dimensões e pesos, respectivamente».

E no entanto, se nos lembrarmos das maravilhosas trutas americanas: a *Cutthroat*, a *Eastern brook*, a *Golden* e a *Rainbow*, não podemos conceber essa preferência, a não ser — talvez — porque o *Black bass* proporciona resultados mais volumosos...

Também entre nós tem bastantes partidários.

E se foram os nossos Serviços Aquícolas que os introduziram nos Açores, e aqui em águas do centro, tendo o cuidado de os não lançar cá para o norte, outro tanto se não deu com particulares, que os espalharam em águas de salmonídeos.

Isso está escrito na «Diana» (pág. 65 dos n.os 203-204) sob o título «Construindo o futuro», dizendo que em 16 de Fevereiro de 1952 vieram 150 peixinhos dos

quais metade para o sul e metade para o norte...

Embora pudesse ter sido esse o início da *invasão*, julgo bem que outros trouxeram achigãs de Fermentelos para o norte do País.

É curioso notar que a Inglaterra, que com mais acerto tem resistido à tentação de importar o *Black bass*, tem ultimamente mostrado através de consultas em jornais da especialidade, que também por lá, começam a aparecer pessoas desejosas de experimentar o *Micropterus*...

Entre nós, o Dec. n.º 44 623 é claro no seu art. 51.º, que diz:—E' proibida a transferência de espécies aquícolas para povoamento das águas interiores do País, públicas ou particulares, sem parecer favorável da D.-G. dos S. F. e A., bem como a sua importação para o mesmo fim, quaisquer que sejam as entidades que as promovam, sem autorização do Secretário de Estado da Agricultura, mediante proposta daquela Direcção-Geral.»

Claro, como este decreto é de 1962, já em nada pôde obstar à *benemérita* iniciativa de dez anos atrás, referida na «Diana»...

Em Inglaterra, no entanto, o caso é diferente, pois não será livremente que qualquer indivíduo ou grupo poderá introduzir uma espécie exótica nas águas britânicas. Assim, na revista «The Field» de 24 de Fevereiro último, encontramos esta consulta:—«Onde se poderá obter a espécie *Black bass* em Inglaterra, e se há alguma disposição legal que proíba a sua introdução em lagos?».

Eis a resposta:—«A espécie *Black bass* não pode ser obtida neste país, e será preciso obter autorização da Autoridade Aquícola local, antes de lançar estes peixes no lago que desejar povoar.»

E como esta consulta, outras idênticas já têm vindo a lume. É curioso notar, porém, o que na mesma revista se lê no seu número de 10 de Março, em artigo assinado por C.C.L. Browne, na parte sob a rubrica «Precaução contra o robalo».

Fala da sugestão há tempos publicada no «Field» de que se deveria tentar a introdução do robalo americano em pequenos lagos da Inglaterra. Diz ele que

não tem outra indicação a não ser a do «expert» Negley Farson, quando afirma:—*"They are the gamest fish; inch-for-inch and pound-for-pound, that swims"*.

Afirma o sr. Browne:—«Vindo de um tão notável *expert*, a ideia é realmente atraente; no entanto espero bem que se tomem todas as precauções para haver a certeza de que a sua introdução nos não traz qualquer resultado desagradável e inesperado. Pode ser um sucesso, como os veados e as trutas da Nova Zelândia, mas também pode ser bem desagradável como o povoamento da Austrália com os coelhos. Quase todas as espécies, nas suas áreas normais, têm a contrapartida de controles naturais para correcção dos excessos de povoamento; mas se transferidas para novos meios, dão-nos por vezes resultados verdadeiramente prejudiciais».

O célebre «coypu», em Inglaterra, que tem obrigado a grandes trabalhos e despesas, e que ainda se não sabe se será possível extingui-lo ali definitivamente.

Seria hoje facilimo — diz o sr. Browne — importar quantidades de apetitosos caracóis do Canal do Suez para aumentar a alimentação das trutas das nossas águas; e no entanto, não haveria desculpa para a contaminação dos nossos rios com a célebre «bilharzia», tão perniciososa ao género humano.

No nosso caso do achigã, veremos o que virá a acontecer nas águas de salmónideos, mas é de temer a voracidade dos robalos, em prejuízo das trutas.

Têm os nossos pescadores de trutas uma possibilidade de ajudar os salmónideos na luta contra os robalos americanos: pescá-los durante a época do defeso, ao abrigo do § 2.º do art. 29.º do Decreto n.º 44 623. Não é grande a ajuda, mas no entanto por cada robalo morto... serão algumas centenas de pequenas trutas que escaparão! Parecendo que não, isto cá para o norte tem muita importância.

\*\*\*

Não veja o leitor, no que acima digo, uma animosidade contra o povoamento das nossas águas com o *Black bass*.

Nunca os pesquei, mas sei por amigos meus que é de facto interessante a sua

# A PODA DAS ÁRVORES DE FRUTO

Por J. COSTA ROSA

Regente Agrícola

**N**AS condições normais do nosso clima, em Portugal continental, caracterizadas por graus de calor, de humidade e de luminosidade que *puxam* o crescimento das árvores de fruto em geral para grandes desenvolvimentos, para arborescências grandes, os sistemas de poda que mais facilitam os bons resultados desse crescimento, com influência muito grande na frutificação, são os sistemas chamados "*de forma livre*", para os diferenciar dos outros, chamados "*de forma presa*", mais indicados para regiões castigadas climaticamente, onde o desenvolvimento vegetativo das fruteiras é contrariado pelos rigores dos frios, acompa-

pesca desportiva; simplesmente nunca o povoamento com esta espécie devia ser feito indiscriminadamente. Ignorância? Leviandade?

Muitas águas haverá no centro e sul, onde é quase impossível desenvolver-se a truta, e onde portanto, o achigã poderia oferecer talvez o mesmo desporto que a truta nos dá cá para o norte. Assim, estaria certo. Doutro modo, não.

E ainda quero fazer referência ao caso de Fermentelos, onde os chamados «profissionais» pescam(?) os achigãs por formas não permitidas pela lei vigente. Seria assim tão difícil educar a população piscatória local, fazendo-lhes ver a vantagem que teriam em cumprir as disposições legais?

E a quem competirá essa tarefa?

Não é a Regional do Centro que deve procurar resolver o assunto, através do Inspector da Pesca, pela Direcção-Geral respectiva?

Vá, meus senhores, se a lei e o regulamento existem, porque não se lhe há-de dar cumprimento? Ou teremos de tirar daqui uma triste conclusão, que nos falta quem queira trabalhar?

nhados ou não de neves e de geadas; dos ventos excessivos; dos exageros de humidade atmosférica e do terreno; e duma luminosidade insuficiente, resultante de largos períodos de nevoeiros, neblinas, de sol encoberto que, exactamente porque não pode irradiar a sua luz directa criadora, não pode concorrer para o crescimento normal das plantas naquele período — que vai da Primavera pelo Verão adiante — em que o desenvolvimento vegetativo se expande, traçando o caminho à nova frutificação desse ano, da árvore ou arbusto que o lavrador encaminha para a produção dos frutos.

... Umaz vezes encaminha, se é mais progressivo, se está mais em contacto com as normas e práticas modernas da produção dos frutos; outras vezes apenas *deixa correr*, o que é grande pena que aconteça porque do descanso dessas práticas só prejuizos resultam, tanto para o próprio pomicultor como para o consumidor e como, afinal de contas, para o próprio país, que assim se vê privado duma mais abundante e perfeita produção de bons frutos, indispensáveis à alimentação humana e até pelos seus restos, convenientes à dos animais existentes na granja do lavrador.

Dentre as "*formas livres*" mais usuais em pomares podados, e uma das que melhor correspondem às exigências de desenvolvimento das fruteiras nas condições normais do clima do nosso País, figura a da armação *em taça*, que a gravura mostra como se realiza e que tão bons resultados dá em árvores como os pessegueiros, os damasqueiros, alperceiros, amendoeiras, pereiras e maceiras.

Logo no ano seguinte à plantação e pegamento da vareta, e no pino do Inverno — Dezembro-Janeiro —, quando os maiores frios fizeram adormecer todo o desenvolvimento vegetativo da planta, deve essa vareta ser decapitada à altura

conveniente para começar a emitir com vigor os ramos laterais que no futuro hão-de constituir as *pernadas* da futura árvore.

Destas, em anos sucessivos, e por efeito de sucessivas podas que impeçam a emissão de ramos que se dirijam ao interior da copa, irão nascer os *ramos* que serão os portadores dos botões lenhosos ou dos frutíferos, conforme a constituição que tiverem, e se esta não vier a ser alterada, como às vezes sucede.

Na poda das fruteiras em taça proporciona-se à planta um melhor arejamento do conjunto, uma melhor entrada e circulação do vento que ajuda a uma regular polinização das flores que as transforma em frutos e desseca o ambiente tornando-o mais salubre e proporciona também uma maior incidência da luz, vitalizadora de todas as funções do desenvolvimento vegetativo e da frutificação das



Pessegueiro novo a ser formado em taça

plantas, além de ajudar também ao saneamento da árvore, pois continua a ser verdadeiro (para os animais como para as plantas) aquele provérbio francês que diz que "*onde não entra o sol, entra muitas vezes o médico*".

A poda de fruteiras em taça — que tanto pode ser *alta* como *baixa*, ou *vaso* — tem ainda o mérito de obrigar as árvores a frutificar de modo que, não só os frutos ficarão implantados o mais próximo possível das bases dos ramos, onde por consequência serão melhor alimentados, tornando-se maiores, como também ficarão mais firmes — com menos perigo, portanto, de caírem por causas alheias à vontade do dono, como no caso, por exemplo, da monda natural dos frutos. Também neste sistema de poda se facilita a colheita dos frutos em boas condições, pois que eles irão inserir-se em sítios fáceis de alcançar, ao contrário do que acontece nas árvores não podadas, cujas *pernadas* se lançaram à toa pelo espaço fora, dando origem a ramos em todas as direcções — mesmo (para não dizer sobretudo) nas direcções menos convenientes quer para a produção dos frutos, seu tratamento e sua colheita.

É muito estranho que, havendo há tantos anos tantos técnicos a explicarem os benefícios e como se faz a poda das árvores de fruto (em que esta forma de taça, ou a de vaso, aqui preconizada, tem no nosso País um bom lugar pelas condições de clima da sua preferência), exista por esse país fora um tão grande esquecimento desta importante operação cultural que é a poda das fruteiras. É verdade que a poda, só por si, não resolve todos os problemas da produção fruteira, em lado algum; mas também é verdade que ela contribui larga e poderosamente, em igualdade de todos os outros factores, para um aumento e uma melhoria da produção dos frutos, não me parecendo que haja uma razão bem fundamentada para que, por esse país além, como tenho verificado, se faça tão pouco caso desta operação, que oferece vários sistemas para cada conjunto de circunstâncias, que depende de vários factores para se determinar o melhor tipo para cada caso — mas que em cada Inverno deveria ser obrigatório realizar-se, mesmo que tivesse de ser ajudada através de todos os organismos estatais, paraestatais ou particulares, em nome da defesa da produção de frutos abundantes, baratos e sãos, para o consumo público.

# Serviço de CONSULTAS

## REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário — *Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo — *Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo — *Director da Estação Agrária do Porto*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

### IV — OLIVICULTURA

N.º 16 — Assinante n.º 45 180 — Porto.

#### AQUISIÇÃO DE OLIVEIRAS

PERGUNTA — Pretende-se obter oliveiras para exploração em formas baixas. Olival exposto a nascente, altitude de 700 m, terreno xistoso, actualmente a vinha e olival.

As castas de oliveiras exploradas, são: verdial (produz pouco), galega e molar ou molarinha.

Onde posso adquirir as oliveiras que forem indicadas?

RESPOSTA — Não sei se outros viveiros se dedicam à produção de oliveiras vestidas desde a base, pois temos feito uma certa propaganda destas, um, porém, sabemos possuí-las — Os viveiros de Anseriz — Anseriz — Arganil.

Caso deseje adquirir as árvores noutra que não as tenha revestidas desde a base deverá atarracar a haste a cerca de 70 cm e aproveitar a rebentação que surgirá depois, da forma que se indicou nos artigos que dedicamos a esta forma de cultura, nesta revista.

Assim deverá aproveitar três rebentos, o terminal e dois laterais, estes dirigidos no sentido da linha.

Convém adubar bem a plantação para que as árvores tenham boa resposta a fim de, para o próximo ano, se dar início à poda de formação.

Os pormenores desta cultura encontram-se referidos na separata da *Gazeta* — «Cultura Intensiva da Oliveira» — Madeira Lobo.

### VI — SILVICULTURA

N.º 17 — Assinante n.º 14 069 — Sardoal.

#### ABETOS

PERGUNTA — Pretendo fazer sementeira de pinho de uma espécie que, salvo erro em França, é designada por Sapin.

Agradecia o obséquio de me dar as características desta espécie, e bem assim se se adapta a solos pobres que foram de olival e que no meu caso pessoal ficam localizados nas margens da albufeira do Castelo do Bode.

Igualmente agradeço me informe onde poderei adquirir a semente ou se os nossos Serviços Florestais a poderão fornecer.

Qual a melhor época da sementeira e a melhor técnica da mesma? Os terrenos não podem ser lavrados.

Também agradecia o obséquio de me descrever outras espécies de interesse comercial.

RESPOSTA — A árvore designada em França por Sapin não é um pinheiro, mas sim, o «Abeto». Os abetos pertencem à família das Pináceas, — género *Abies*. Existem entre nós várias espécies, sendo as mais comuns: *Abies alba* — abeto branco; *Abies Nordmaniana* — abeto do



Cáucaso e o *Abies Pinsapo*, — pinsapo. Nenhuma delas é originária do nosso País, sendo portanto exóticas que foram introduzidas em Portugal ou por particulares em jardins e parques, como árvores de ornamento, ou em maior escala pelos Serviços Florestais, utilizando-as na arborização das serras.

São árvores tipicamente de sombra que além de tolerarem o coberto, em muitas espécies necessitam dele. Por conveniência podem associar-se a árvores de luz, folhosas ou resinosas, aproveitando a sua resistência ao ensombreamento.

O *Abies Pinsapo* é de todos o que tem a sua origem mais próxima de nós — Sul da Espanha (Serra da Ronda).

Do mesmo modo o *Abies pectinata* originário da Europa Central é também indígena do Norte de Espanha — Pirineos, de Irati a Montsery, sobretudo em Hecho, Ansó (Huesca), Irati (Navarosa) e Vale de Aráu (Catalunha). Existe em altitudes compreendidas entre os 800 e os 1500 m.

Admitiu-se que o Pinsapo seria o mais útil entre nós, especialmente quando chamado à arborização das encostas mais sombrias das nossas serras. Tal prova não está ainda completamente feita e várias são as espécies em observação.

Preferem solos fundos e férteis, e mesmo nestas condições é bastante lento o seu desenvolvimento nas primeiras idades.

A madeira sem ser fina e sem valer mais que a do nosso pinheiro bravo, pode no entanto ser útil pelas peças largas que produz.

Deste resumo, bastante sucinto, pode o senhor consulente inferir que se trata de espécies que não devemos aconselhar para a sua região, e até porque o senhor assinante tem em vista o interesse comercial. A sua pequena expansão entre nós faz não interessar o comércio e indústria da especialidade.

Para o caso do senhor consulente e embora não conheçamos a propriedade, julgamos ser de aconselhar a utilização das espécies mais correntes — sempre com mercado assegurado — pinheiro bravo, eucalipto e sobreiro, que sem sombra de dúvida são mais rentáveis no caso português.

Aconselhamos ainda a visita dum técnico florestal da sua zona, o que não será difícil certamente, recorrendo ao Fundo de Fomento Florestal, — Rua do Telhal — Lisboa.

Se, apesar da nossa opinião, pretender utilizar os abetos deverá plantar de Outubro a Março, utilizando árvores de viveiro, que talvez o mesmo Fundo lhe forneça por intermédio dos seus viveiros ou dos Serviços Florestais. — R.

---

## VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

---

N.º 18 — Assinante n.º 38081 — Portimão.

### ESTRUMAÇÃO DE CITRINOS

PERGUNTA — Tenho no meu quintal duas laranjeiras com cerca de 12 anos, regularmente desenvolvidas, de umbigo, e de óptima qualidade.

Acontece que numa delas, há cerca de 2 anos, começaram a aparecer alguns ramos com folhas amarelas e passado certo tempo os ramos secam, e assim, a mais gravemente atingida encontra-se quase seca; este ano ainda deu laranjas, mas, bem entendido, só nos ramos verdes que já são poucos; na outra começaram agora a aparecer alguns raminhos com as folhas também amarelas, das quais junto 3.

Costumo adubar com estrume de curral, de gado muar e de aves, bem regado na estrumeira com urinas, muito bem curtido, não faltando em tempo devido com as regas.

Há quem me diga que é por eu não adubar com adubo, mas como sempre tenho ouvido dizer que o estrume é o rei dos adubos, não me tenho dado pelos conselhos, já que não tenho a pessoa que me dá este conselho devidamente autorizada.

Assim, venho rogar a fineza de se dignar providenciar no sentido de ser informado, com urgência, qual o tratamento que devo fazer, a fim de as salvar, se for possível, atenção que muito agradeço.

RESPOSTA — A exigua amostra enviada, não permitiu por ela, diagnosticar qual ou quais as causas que estão a determinar a «seca» dos ramos a que o senhor consulente se refere.

No entanto afigura-se-me recomendar-lhe como conselho que seja mais parcimonioso na estrumação que vem fazendo às suas citrinas. Estrume de curral, mais de gado muar e «galinhaço», e ainda por cima regado a urinas, pode de certo modo, segundo a quantidade por árvore, ser pre-

judicial à planta afectando-lhe o seu sistema radicular.

Afectado este, pelo efeito quase cáustico duma estrumação excessiva e possivelmente ainda, incompletamente, decomposta, pode surgir além do amarelecimento foliar já verificado pelo senhor consulente, o apodrecimento do colo da planta, conduzindo-a à morte. — *Benevides de Melo*.

★

N.º 19 — Assinante n.º 44200 — Matosinhos.

### FUMAGINA DAS LARANJEIRAS

PERGUNTA — Tenho na minha quinta, em Monção, as laranjeiras atacadas pela ferrugem, como verificará pela folha que junto.

Que devo fazer para debelar a praga?

Já as sulfatei por três vezes.

O que a «Gazeta» tiver de bem aconselhar-me, deve ser produto que não possa prejudicar o colmeal que tenho junto das laranjeiras.

RESPOSTA — A ferrugem, verificada na amostra enviada, doença que é conhecida também por *fumagina*, é causada por um fungo e pode ser debelada uma vez que às suas laranjeiras lhe aplique primeiro em Abril e depois em Maio, com 20 dias de intervalo, dois tratamentos bem feitos em pulverização com a seguinte calda:

Água . . . . . 100 litros  
«Arakol», «Albolineum» ou equivalente . . . . . 1,5 litros

Este tratamento actuará directamente sobre as cochonilhas exterminando-as e fazendo desaparecer assim as meladas por elas segregadas. Consequentemente, a ausência de tal substrato onde a *fumagina* se desenvolve, trará à citrina uma redução da incidência da doença referida.

Complementarmente, caso as copas destas fruteiras se encontrem demasiadamente compactas, deverá desbastá-las

**VINHOS-AZEITES** — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azéites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Officiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

## INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um año de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.

**Perús Mammouth** (grande porte) e **Beltsvile Small White** (pequeno porte). **Patos Pekin**. Para inscrição de aves do dia: Coudelaria de Alter — Alter do Chão.

convenientemente de forma a permitir no seu interior um melhor arejamento. — *Benevides de Melo*.

★

N.º 20 — Assinante n.º 36788 — Mação.

### CANCRO DA MACIEIRA

PERGUNTA — Há 4 anos plantei cerca de 100 macieiras, de umas poucas de variedades, enxertadas em EM IX e II.

Como pretendia embelezar um pequeno terreno, contíguo à casa em que vivia, dei-lhes as formas de cordão horizontal, cordão oblíquo Ferraguti, losangos e vasos.

Ao fazer as podas de formação, tive sempre o cuidado de desinfetar as feridas com sulfato de cobre e de as tapar com unguento de enxertia. Apesar disto, secaram já três macieiras e em várias outras a cicatrização deu-se mal e a madeira em volta das feridas está a secar e, nalguns casos, está mesmo a apodrecer.

Suponho que a seca das macieiras foi provocada pelo cancro.

Pelo correio, envio dois pedaços de ramos daquelas macieiras, a fim de fazerem o favor de me dizer se a minha suposição está certa. Em caso afirmativo, agradecia me informasse:

1) Ainda posso, nesta altura em que as macieiras temporãs (Winter Banana, por exemplo) estão já a abrolhar, tratar as macieiras com uma calda formada por óxido cuproso 2 o/o, Albolineum 3 o/o, Água 100 litros? Este tratamento é eficaz contra o cancro, ou há outro melhor?

Os sais de cobre podem utilizar-se nos tratamentos de Inverno das variedades que são susceptíveis a estes sais (Winter Banana, Golden Delicious, etc.), isto é, estes sais atacam apenas as partes mais delicadas da planta — folhas, flores e frutos ou também a casca?

2) Como desejava substituir as macieiras que secaram, por outras, agradecia me indicasse quais as que melhor resistem ao cancro.

3) As variedades menos vigorosas de pereiras, enxertadas em franco — Beurré Clairgeau, Triomphe de Vienne, Duchesse de Angouleme, Passe Crassene — são susceptíveis de tomarem as formas acima indicadas? Se tal for possível, como as pereiras não são atacadas pelo cancro, poderia substituir as macieiras secas por pereiras daquelas variedades.

Devo informar que a pereira enxertada em marmeleiro não se desenvolve bem no terreno onde fiz a plantação, como já tive ocasião de verificar, talvez por virtude do teor de humidade do solo, no Verão, não ser o mais conveniente para o marmeleiro.

4) Plantei o ano passado duas trepadeiras Bouganvillea que ainda estão longe de abrolhar. Constatei que algumas das suas hastes estão atacadas pela mesma moléstia que fez secar as macieiras. Posso aplicar-lhe a cal indicada em 1)?

5) Há algum inconveniente em aplicar a calda indicada em 1) a roseiras remontantes, depois de podadas?

RESPOSTA — 1.º A amostra dos 2 pequenos ramos de macieira que nos remeteu não revelou à observação que lhe fizemos os indícios típicos do «Cancro» de macieira doença esta causada como sabe pelo fungo *Nectria galligena*.

2.º O tratamento que refere o seu questionário no n.º 1) pode a nosso ver e a admitir-se a hipótese da existência de «Cancro», ser substituído por um bordalez alcalino a 2 0/0 (2-2-100), a que se deve adicionar para funcionar como fixante, o Albolineum a 0,5 0/0.

Este tratamento recomendável para períodos de repouso vegetativo, será de certo mais económico, também eficaz, e menos fitotóxico para a planta, embora de preparação mais enredante.

A fitotoxicidade dos sais de cobre, as fruteiras reagem diferentemente.

As árvores em absoluto estado de repouso, mercê de sua lenhificação e atempamento, podem suporiar, em relação a quando estão em patente vegetação, doses mais elevadas de fungicidas cúpricos sem que os seus efeitos sejam notados.

Pelo contrário quando em vegetação, a fitotoxicidade nociva que eles provocam, quer sob a forma de óxido, quer sulfato, é por seu turno, entre outros, função de vários factores como o estado de finura do fungicida, a climatologia local, e a susceptibilidade varietal de espécie que se considere.

Frize-se, no entanto, que esta susceptibilidade varietal, a este ou àquele pesticida está por outro lado estreitamente interligada com as condições meteorológicas podendo assim em determinadas zonas a variedade X ser sensível ao «cobre» numa região húmida e fria, e já o mesmo «cobre» não se revelar fitotóxico para a mesma variedade em outras localidades de climatologia diferente e onde as características apontadas não sejam correntes.

Isto aponte-se, que não invalida o reconhecer-se que por si só certa variedade especialmente de pigmento brilhante (Golden, Cox, Delicious, etc.) sejam extraordinariamente sensíveis a todos os «cobres» quando utilizados nos tratamentos de cobertura fungicida contra o «pedrado», e que outras variedades do tipo Reineta se mostrem menos afectadas na sua epiderme mercê de que a sua natural pigmentação ser careposa. Em relação ao terceiro quesito, devo esclarecer que a pereira, embora entre nós, mais raramente pode ser também atacada pela *Nectria*.

O incompleto conhecimento actual desta doença não permite, por ora, que algo de preciso seja dito quanto a resistência de variedades.

— Das variedades de pereira referidas enxertadas sobre franco, a B. Clairgeau apesar de não ser uma variedade de pequeno porte pode sujeitar-se com êxito às formas em palissada.

4.º e 5.º Quando preparada a meia concentração, (1-1-100), o bordalez que foi preconizado ao senhor consulente, pode ser pulverizado quer às roseiras quer às bouganvilleas. — *Benevides de Melo*.

---

**Milhos híbridos de caule açucarado da Missão Biológica da Galiza** — Estes milhos proporcionam grandes colheitas de grão, da ordem dos 7.000 a 9.000 quilos por hectare, e caracterizam-se ainda por conservarem as suas palhas verdes depois da colheita das espigas.

Como as nossas disponibilidades de semente para a próxima sementeira são limitadas, a lavoura tem toda a vantagem em fazer imediatamente as suas requisições à **Casa das Sementes de Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos** — Rua de S. João, 111 — PORTO — Telefone, 35101, que tem o exclusivo de venda destes milhos para todo o território português.

---

## XIV — ZOOTECNIA

---

N.º 21 — Assinante n.º 45 522 — *Silves*.

### A ADMINISTRAÇÃO DE FARINHAS ALIMENTARES AOS SUÍNOS

PERGUNTA — Posso 8 porcas criadeiras, de raça Alentejana, e estou a alimentá-las com farinha Provimi n.º 4, com água morna e um pouco de sal.

Há na minha vizinhança muitas pessoas que dizem que a farinha dada em seco é melhor, outras, que a água fria é melhor.

Lá diz o ditado: muita cabeça, muita sentença.

Por isso, venho pedir o favor de me dizer como deverei preparar o alimento para dar aqueles animais.

RESPOSTA — Nalgumas malhadas que conheço na região, administram a farinha alimentar humedecida, isto é, amassada ligeiramente com um tudo-nada de água fria, não adicionando sal das cozinhas.

Os bebedouros estão sempre cheios de água potável limpa, à disposição dos animais.

Queira o senhor consulente mandar fazer a experiência, e só depois poderá ajuizar o processo em questão. — *Carrilho Chaves*.

---

## XIX — MEDICINA VETERINARIA

---

N.º 22 — Assinante n.º 40 149 — *Gondomar*.

### FALTA DE CIO EM VACAS

PERGUNTA — Tenho duas vacas: uma, criou em Setembro e outra em Novembro. Não voltaram a ter cio para as mandar ao reprodutor.

Agradeço me informe se há qualquer tratamento a fazer-lhes, para conseguir o fim desejado.

RESPOSTA — Para combater este estado, desde que seja proveniente de estabulação permanente, deficiências alimentares ou perturbações funcionais ováricas, como o hipofuncionamento ou hipoactividade dos ovários.

Administre-se a cada vaca por via intramuscular, uma ampola de «Estrogenina», que deverá produzir os efeitos desejados entre 4 a 8 dias.

Se ao cabo de 10 dias não se manifestar o cio, injecte-se outra ampola de «Estrogenina».

O «Zooginol» é outro estrógeno de síntese, que produz o mesmo efeito fisiológico, e administra-se da mesma forma.

Estrogenina . . . Uma caixa de 6 ampolas

Ou

Zooginol . . . . . Uma caixa de 6 ampolas

— *Carrilho Chaves*.

---

## XXIII — DIREITO RURAL

---

N.º 23 — Assinante n.º 40 149 — *Gondomar*.

### OBRIGAÇÕES DO DONO DO PRÉDIO SERVIENTE

PERGUNTA — Junto um «croquis» que creio elucidar a pergunta que vou fazer:

Foi construída aqui a estrada marginal que cortou algum terreno meu. A Direcção de Estradas deixou ficar uma servidão que tem servido a mim e a um vizinho. Agora, o vizinho lembrou-se de plantar eucaliptos na parte que servia a nós dois; eu, claro, resolvi destruí-los; agora, procura obstruir-me a passagem, depositando lenhas na parte que nos era comum até aqui.

Agradeço me informe o que poderei fazer para o obrigar, se isto me for possível, a que não perturbe a minha utilização na parte que era pertença dos dois, porque na minha opinião quando o caminho entra no nosso terreno cada qual é senhor do seu.

Trata-se de um caso de urgência, pelo que muito agradecia uma resposta breve.

RESPOSTA — A consulta não me elucidada de quem é a propriedade do terreno onde está feita a entrada que serve o senhor consulente e o vizinho.

Se realmente é uma verdadeira servidão, das duas uma, ou o terreno é do senhor consulente e conseqüentemente não pode estorvar o uso ao vizinho, ou é do vizinho e este não pode estorvar o uso do senhor consulente (art. 2278.º do Cód. Civ.)

De qualquer modo, e na falta de acordo entre os dois, só através do Tribunal poderá o senhor consulente obrigar o seu vizinho a não lesar os direitos do senhor consulente. — *A. M. O. Pinheiro Torres*.



# INFORMAÇÕES

## Calendário de Abril

Durante este mês a duração do dia é de 12 h. e 36 m. em 1, e de 13 h. e 46 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sexta. . . . .	6.23	18.59	14.17	4.17
2 Sábado . . . . .	6.22	19. 0	15.33	4.57
3 Domingo . . . . .	6.20	19. 1	16.49	5.31
4 Segunda. . . . .	6.19	19. 2	18. 4	6. 1
5 Terça . . . . .	6.17	19. 3	19.19	6.29
6 Quarta. . . . .	6.16	19. 4	20.32	6.58
7 Quinta. . . . .	6.14	19. 5	21.44	7.28
8 Sexta. . . . .	6.13	19. 6	22.55	8. 1
9 Sábado . . . . .	6.11	19. 6	*	8.39
10 Domingo . . . . .	6.10	19. 7	0. 3	9.22
11 Segunda. . . . .	6. 8	19. 8	1. 3	10.12
12 Terça . . . . .	6. 6	19. 9	1.57	11. 8
13 Quarta. . . . .	6. 5	19.10	2.43	12. 7
14 Quinta. . . . .	6. 3	19.11	3.21	13. 6
15 Sexta. . . . .	6. 2	19.12	3.54	14. 7
16 Sábado . . . . .	6. 0	19.13	4.21	15. 7
17 Domingo . . . . .	5.59	19.14	4.46	16. 6
18 Segunda. . . . .	5.58	19.15	5. 0	17. 5
19 Terça . . . . .	5.56	19.17	5.32	18. 4
20 Quarta. . . . .	5.55	19.18	5.55	19. 5
21 Quinta. . . . .	5.54	19.19	6.10	20. 9
22 Sexta. . . . .	5.53	19.20	6.46	21.15
23 Sábado . . . . .	5.51	19.21	7.19	22.3
24 Domingo . . . . .	5.50	19.21	7.59	23.29
25 Segunda. . . . .	5.48	19.22	8.46	*
26 Terça . . . . .	5.47	19.23	9.45	0.31
27 Quarta. . . . .	5.46	19.24	10.51	1.28
28 Quinta. . . . .	5.44	19.25	12. 3	2.16
29 Sexta. . . . .	5.43	19.26	13.17	2.57
30 Sábado . . . . .	5.41	19.27	14.31	3.31

L. C. em 5 às 11 h. e 13 m.; Q. M. em 12 às 17 h. e 28 m.; L. N. em 20 às 20 h. e 35 m.; Q. C. em 28 às 3 h. e 49 m.

## Informações sobre a Feira Internacional de Lisboa

A Feira Internacional de Lisboa efectua-se na continuidade da missão que assumiu desde 1960 ao serviço do desenvolvimento económico do País e da sua convivência exportadora e importadora com o mundo contemporâneo. Na sequência necessária da Feira das Indústrias Portuguesas, que foi desde 1949 a 1959 a expressão dos altos objectivos nacionais das forças mais dinâmicas e criadoras da economia portuguesa, a Feira Internacional de Lisboa — organizada e mantida pela Associação Industrial Portuguesa — veio, assim, alinhar com os grandes certames que representam o sentido universalista da civilização económica moderna.

É nesta linha de conduta, neste propósito de fomentar a indispensável industrialização do País e o desenvolvimento crescente das actividades económicas, tanto no sector de produção como no de distribuição, que a F. I. L. vem cumprindo a importante missão que lhe foi atribuída. Quer no campo interno, quer na intensificação das relações entre os países participantes no certame, revelaram-se já os extraordinários serviços prestados pela Feira Internacional de Lisboa.

A VII Feira Internacional de Lisboa promove-se de 9 a 23 de Junho. Os trabalhos respeitantes à sua organização desenvolvem-se, praticamente, desde que terminou o último certame, em Junho de 1965. Mesmo antes de aberto o prazo das inscrições definitivas, muitas firmas portuguesas e estrangeiras manifestaram logo o propósito de concorrer à Feira deste ano. Acentuou-se a procura dos participantes de países cuja presença no certame constitui já uma tradição (República Federal Alemã, Espanha, Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Suíça, Áustria e tantos outros), mas manifestaram-se novas pretensões, que traduzem bem o progressivo aumento de prestígio da F. I. L., numa consagração efectiva do seu valor e da sua utilidade no domínio da vida económica.

Entre os novos países participantes aponta-se a África do Sul, que trará a Lisboa diversos e importantes produtos, designadamente dos sectores alimentares e de couros e peles. Das novidades a apresentar na F. I. L. deste ano pode já dizer-se que haverá uma expressiva presença de expositores portugueses e estrangeiros nos sectores têxtil

(confeções, tecidos e máquinas para as respectivas actividades fabris), de mecânica-geral e equipamento de escritório.

A VII Feira Internacional de Lisboa incluirá, também, o IV Salão dos Inventores e as costumadas jornadas nacionais dos países participantes com postos de informações, além de outras iniciativas do maior interesse.

## Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal

Na sede da Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal, o presidente da Assembleia Geral, eng. agr. João Quintella Pessoa Lopes, deu posse à Direcção eleita para o ano de 1966, cujos cargos ficaram assim distribuídos: presidente, eng. agr. Arlindo Cabral; vice-presidente, eng. silv. Jorge Brito dos Santos; vogal servindo de vice-presidente, eng. silv. Ernâni José da Silva; secretário, eng. silv. Maximino das Neves Vilas Alvarez; tesoureiro, eng. agr. Henrique Lopes Moreira Seabra; vogais, eng. agr. José Augusto Santos Varela e eng. agr. prof. Rui Pinto Ricardo.

Igualmente, foram empossadas as Comissões Permanentes de: Ciências Naturais, Agricultura Geral, Química Agrícola, Arboricultura e Viticultura, Silvicultura, Engenharia Agrícola, Indústrias Agrícolas, Patologia Vegetal, Zootecnia, Economia, Instrução Agrícola, Agricultura Colonial e Revista Agronómica.

## Estado das culturas em 28 de Fevereiro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

As características climáticas verificadas durante o mês de Fevereiro não melhoraram em relação às dos meses anteriores. Pelo contrário, no que diz respeito às quedas pluviométricas, observou-se que estas dobraram de intensidade, provocando prejuízos elevados nas culturas pendentes e atrasos sensíveis no andamento dos trabalhos de campo. De novo voltaram a registar-se graves inundações nos terrenos marginais dos cursos de água, que se mantiveram submersos durante um período bastante prolongado, provocando, além da destruição das culturas, o arrastamento de terras.

Quanto à temperatura, os valores médios registados foram sensivelmente superiores aos normais desta época do ano, não se tendo notado a formação de geadas nocturnas.

Os trabalhos nos campos estiveram praticamente paralisados, não tendo assim sido possível a recuperação do atraso anteriormente assinalado na marcha das actividades respeitantes às sementeiras do período Outono-Inverno, pelo que, em certas regiões, foi posta de parte a ideia de ainda

poderem vir a ser cultivadas algumas áreas importantes, primitivamente destinadas às culturas da época considerada.

O estado das searas, salvo em reduzidas áreas de mais fácil drenagem e onde foi possível efectuar as indispensáveis adubações de cobertura, piorou, como não podia deixar de ser. As culturas apresentam geralmente um desenvolvimento irregular, assim como amarelecimento das folhas devido ao encharcamento excessivo do solo. Não tendo sido possível efectuar as mondas, nota-se um desenvolvimento exagerado das ervas infestantes, que encontraram ambiente adequado ao seu crescimento.

As condições de alimentação dos gados, no que diz respeito a alimentos verdes, poderiam ser consideradas excepcionalmente boas se o aproveitamento integral dos pastos tivesse sido efectuado, mas o estado do tempo e o facto das águas terem submergido áreas importantes de alguns locais, com frequência dificultaram grandemente ou impediram os cortes e a apascentação do gado. Pelos motivos expostos houve necessidade de recorrer em escala apreciável às reservas de palhas, às farinhas e aos concentrados.

Em segunda estimativa avalia-se a produção de azeite em 701 milhares de hectolitros, ou sejam mais 56% que a da campanha anterior. Se a compararmos com a média obtida nos últimos dez anos, verificamos ser inferior em 35%.

Nos pomares de citrinos notou-se a queda de muitos frutos, causada pela acção dos ventos e como resultado dos ataques intensos de mildio (*Phytophthora hibernalis*, Carne), cujo desenvolvimento foi favorecido pelas condições do clima, que, por sua vez, impediram a execução dos tratamentos adequados.

A realização das feiras e mercados foi muito prejudicada pelas chuvas copiosas registadas ao longo do mês. O abastecimento foi geralmente pouco satisfatório, notando-se uma certa escassez de batata, fruta e produtos horticolas, que por isso em algumas regiões atingiram valores superiores aos normais. Os preços dos gados, em especial os dos bovinos, mantiveram-se altos ou subiram ligeiramente, e, em muitos locais, mostram tendência para se elevar em consequência da abundância de pastos para a sua alimentação.

O trabalhador rural, impossibilitado de exercer a sua actividade durante grande parte do mês, devido ao estado do tempo, atravessou um período difícil. É de prever que, a dar-se a esperada melhoria de tempo, se venha a notar falta de braços para realizar as múltiplas tarefas de campo próprias da época, cujo atraso é muito acentuado conforme já foi assinalado.

**Propagar e difundir a GAZETA DAS ALDEIAS, concorrendo para o aumento da sua assinatura, é um dever que se impõe aos que da Terra e para a Terra vivem**



AS "pragas"  
E "doenças"  
DAS VOSSAS  
CULTURAS SÃO  
PREOCUPAÇÃO  
CONSTANTE DOS  
TÉCNICOS  
DA CUF



evite o mildio

COM

**Aspor**

\* rápida acção fungicida, persistente e estimulante

\* combate o mildio da videira, batateira e tomateiro

\* eficácia comprovada  
por inúmeros ensaios e vários anos de aplicação



COMPANHIA UNIÃO FABRIL • 100 anos ao serviço da Lavoura  
Depósitos e revendedores em todo o País

3156

Os produtos da

# UMUPRO

LYON - FRANCE



## “Umurat” Cube

3139

Raticida moderno à base dum anticoagulante do sangue.

Agindo por hemorragias internas sem sintomas alarmantes para os restantes.

Em cubos prontos a utilizar mas recuperáveis quando não consumidos.



## “Helicide granulado”

Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído.



## “Umucortil granulado”

Para combate aos ralos à base de clordane.

são distribuídos em Portugal por

**Ferreira, Rio & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

# FERFOLI

20 - 20 - 20

A d u b o f o l i a r  
concentrado  
para pulverizações  
O mais rápido e  
económico

Est. os de Importação

**ERNESTO F. D'OLIVEIRA**

LISBOA - R. dos Sapateiros,

115-1.º - Tel. 322478

PORTO - R. Moasinho Silveira,

195-1.º - Tel. 22031

4193

## Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto.

*Plantas talhadas;  
coníferas; arvoredos;  
arbustos para jardins;  
plantas para sebes;  
roseiras; trepadeiras;  
etc., etc.*

Serviços de assistência técnica

Instalação de pomares

Ordenação de propriedades e surribas



No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

**Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.**

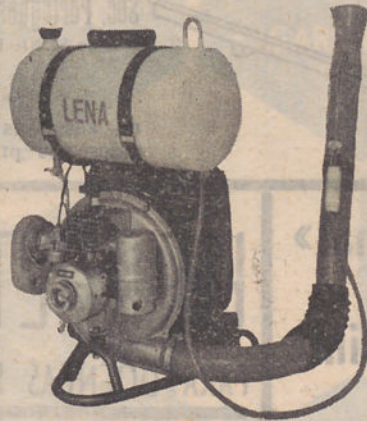
Carreira - Silveiros (Minho)  
Telefone, 96271 - NINE

3684



**LENA**

## super ATOMIZADOR



**INSUPERÁVEL  
EFICIÊNCIA**

**ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA  
IMEDIATA**

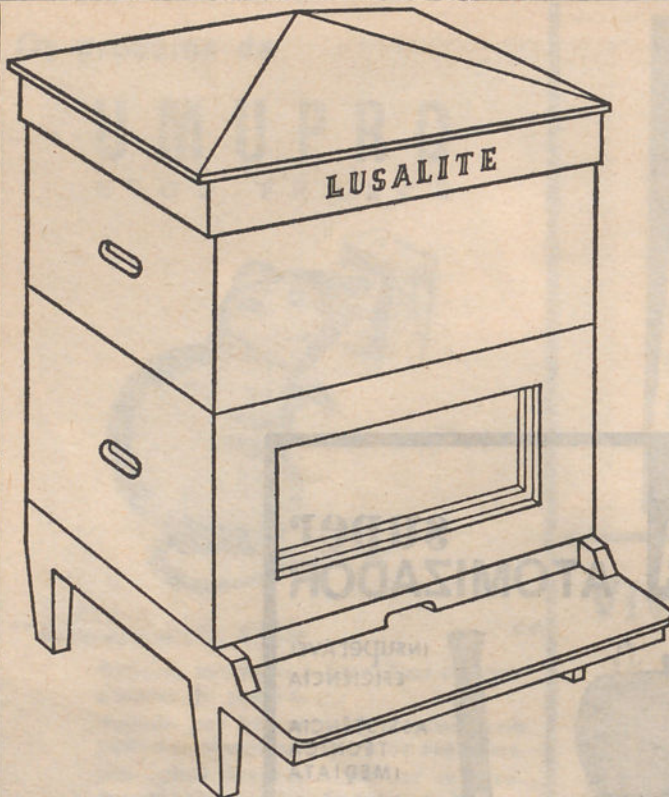
**1 ANO  
DE GARANTIA**

Éis algumas das  
razões que pesam na  
sua decisão ao com-  
prar um super atomi-  
zador LENA.

Consulte-nos ainda  
hoje e peça indicação  
dos nossos revende-  
dores na sua zona.

**A INDUSTRIAL AGRÍCOLA TRATAMAZIA**

4160



## Colmeias LUSALITE

em

TRÊS MODELOS:

### Prática \* Reversível e Lusitana

A gravura representa uma colmeia «REVERSÍVEL» com iluminação natural.

Trata-se de uma colmeia com uma janela de vidros duplos que facilita a penetração dos raios solares no ninho da colmeia.

A sua acção benéfica exercida na «MESTRA» facilita o desenvolvimento do enxame.

Atingem-se produções muito maiores do que as obtidas em colmeias sem iluminação.

Peça tabelas à

4.83

### LUSALITE

Soc. Portuguesa de Fibro-Cimento, S. A. L.

Rua de S. Nicolau, 123

Telef. 322091

LISBOA - 2

R. S. to António, 15-2.º — PORTO

ou aos seus Revendedores, estabelecidos nas principais praças do País

## Tractores «International»

e

## Motocultivadores «Ocrim»

Charruas, Sachadores, Semeadores, Tararas, Descaroladores, Corta-Relvas manuais e a motor e Sementes.

Todo o material agrícola em geral

*A d u b o s*

Simple e Compostos



PEDIDOS AO:

**Centro Agrícola e Industrial, Lda.**

307, Rua de Santa Catarina, 309

Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

## HERPETOL

### PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL

e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto.

A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alvius começam. Medicamento por excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



2747

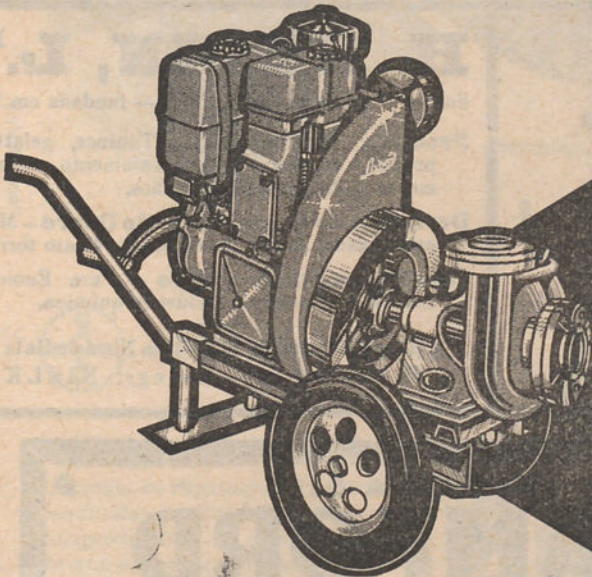
# Lister

**GRUPOS  
MOTO · BOMBA  
DIESEL**

**MOTORES  
ARREFECIDOS  
POR AR E POR  
ÁGUA DESDE  
3,5 H. P.**

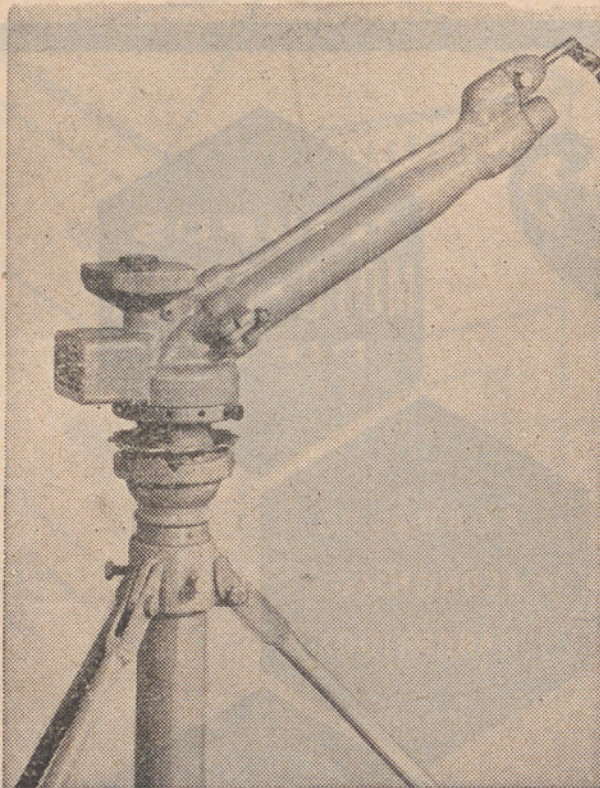
- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA  
TECNICA  
PERMANENTE  
•  
ENTREGAS  
IMEDIATAS**



## Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto



Maschinenfabrik A. HOLZ  
Wangen i. Allgäu — Alemanha  
**Rega por Aspersão**  
(CHUVA ARTIFICIAL)  
para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,  
tipo «V-1» — para grandes jactos  
e grandes alcances, para campos,  
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrífugas,  
de todos os tipos e para  
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios  
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

4194

**Eng.º Paulo C. Barbosa**

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

*O Caminho de Ferro  
é o transporte ideal,  
pois é seguro, rápido  
prático e económico.*

1593

**H. KLEIN, L.<sup>DA</sup>**

Sucesores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

**Produtos Enológicos** — Taninos, gelatinas,  
produtos especiais para o tratamento, melhora-  
mento e clarificação de vinhos.

**Derivados de Mosto de Uva do Douro** — Mosto  
esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

**Carvões vegetais activos** — Para Enologia,  
Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177—Vila Nova de Gaia  
Telef. 390141—Telegr. NIELK

1893



Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

# BAMFORD

DIESEL

**O MELHOR  
MOTOR INGLÊS  
PARA A  
AGRICULTURA  
E PEQUENA  
INDÚSTRIA**

**RESISTENTES  
SIMPLES  
FACILS DE  
MANEJAR  
ECONÓMICOS  
GARANTIDOS**

**JAYME DA COSTA, L.<sup>MA</sup>**  
14 - R. dos Correios - LISBOA  
12 - P. da Batalha - PORTO

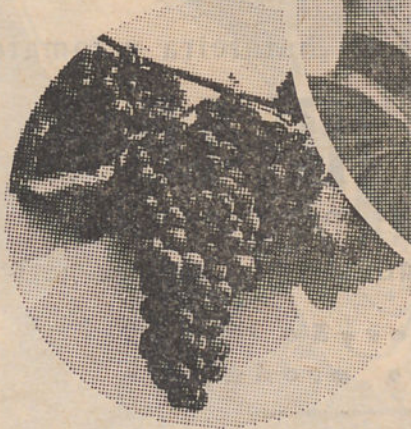
**MECÂNICA E ELECTRICIDADE  
EM TODAS AS APLICAÇÕES**

1149

(154)

GAZETA DAS ALDEIAS

AS BOAS COLHEITAS COMEÇAM COM ANTRACOL



exito A1-5

e terminam no dia da prova do vinho, quando o viticultor goza os resultados do seu esforço.

da primeira à última cura



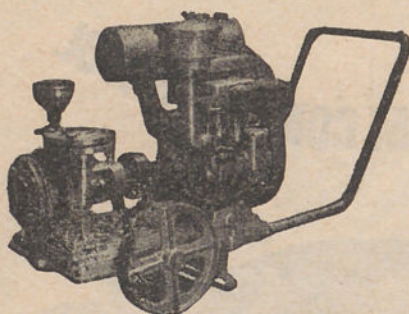
A PAZ NOS CAMPOS

**Antracol**  
foi o amigo da sua vinha

Impondo-se rapidamente pelos seus resultados, ANTRACOL é o fungicida eficiente e persistente de que o lavrador precisa no combate ao mildio da vinha, da batata e do tomate.

**Antracol**  
cura, pinta, dura e dá fartura

4182



**Boas Regas...**  
**Melhores Colheitas!**

**Bombas**  
**Moto-Bombas** 4192  
**Electro-Bombas**

**Escol** - Rua de Sá da Bandeira, 510  
 PORTO - Telefone, 24809



Contra o míldio e alternária da batateira e tomateiro

# Dithane M-45

*Pó molhável com 80 % de mancozabe*

O mais recente fungicida da indústria química americana

• **melhor protecção**  
 • **maiores produções**

REPRESENTANTES:

4180

**Sociedade Permutadora**

LISBOA - Av. da Liberdade, 190  
 Telef. 48141-2-3-4

S. A. R. L.

PORTO - R. da Boavista, 44  
 Telef. 32107

## SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

*Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couve flor, Bróculo, Repolho, Pensa de Chaves, Pensa de Mirandela, Pensa da Póvoa, Tronchuda, Espinafres, Feijões de trepar e rasteiros, Rabanetes, assim como: Azevêns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.*

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

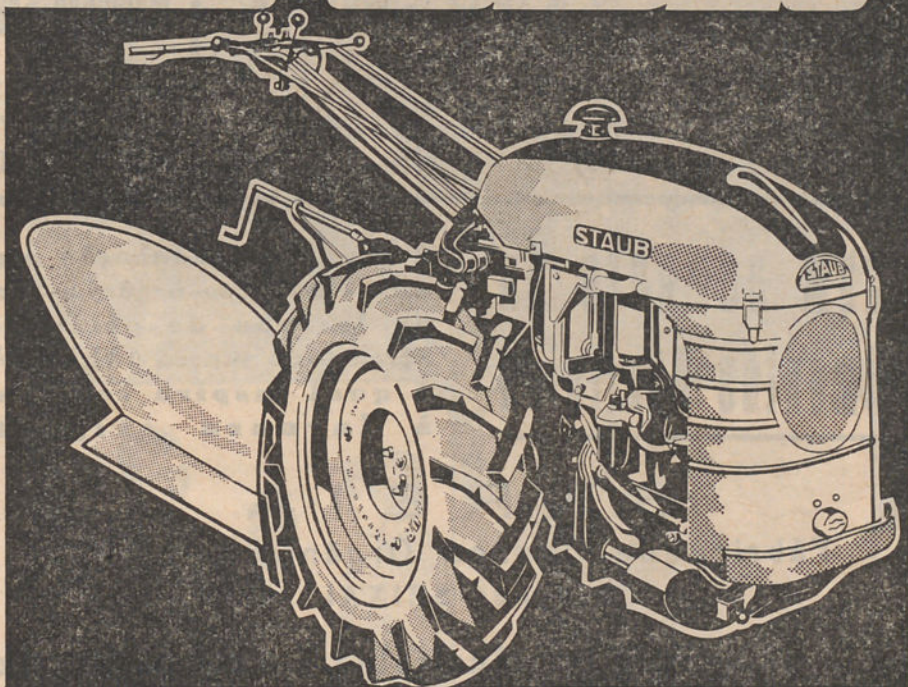
“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO  
 CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o  
 N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente



# MOTOCULTIVADORES

# staub



**MODELOS COM MOTORES DIESEL DE 8 H. P. E 12 H. P.**

\* Completa gama de alfaias, tais como :

Frezes de 80 e 84 cm, charruas 1/4 volta com formões, charruas de vinhas, derregadores, escarificadores, escavadoras entre cepas de 1 e 2 ferros, grades de discos, guinchos, plantadores, reboques basculantes, etc.

**Auxiliares perfeitos do tractor em grandes propriedades, os motocultivadores STAUB mecanizam integralmente a pequena exploração agrícola.**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

TRACTORES DE PORTUGAL, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, S. A. R. L.

AV. DA LIBERDADE, 35-4.º ESQ. — LISBOA-2 • AGENTES EM TODO O PAÍS



Quinta do Tamariz

**Bovinos-Reprodutores**

de pura raça Holandesa e com idades entre 6 e 12 meses,

**VENDEM-SE.**

*No seu próprio interesse,*

*peça resenhos dos animais e demais detalhes a:*

**Soc. Agr. da Quinta do Tamariz, Lda.**

CARREIRA — SILVEIROS (Minho)

Telef. 96271 — Nine

**Cruz, Sousa  
& Barbosa,  
Limitada**

**Papéis**

**e  
Máquinas Gráficas**

Telefs. 27656 e 27657

R. D. João IV, 567

**P O R T O**

2457

4181

**Um bom aumento de  
Rendimentos Agrícolas**

é obtido por adubação orgânica e químico-orgânica (base de farinha de peixe), da acreditada marca "SEREIA", a qual inspira confiança à lavoura exigente.

**S E R E I A**

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda.

Breyner-SEIXAL

Agentes Gerais: **Aliança Agrícola e Comercial, Lda.**

Calçada do Duque, 3-1.º — LISBOA-2

4170

Visite V. Ex.ª a

**Ourivesaria**

**Aliança**

onde encontrará

Jóias, Pratas,

Mármore

e Bronzes

a preços fixos.

PORTO

191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:

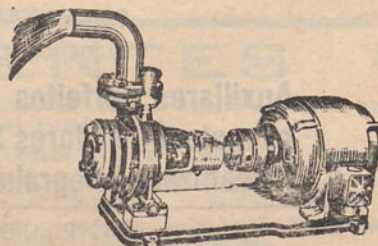
R. Garrett (Chiado), 50

3056

**Grupos Electro-Bombas**

desde o mais pequeno *monofásico* até ao maior *trifásico* multicelular.

*Proteja* o seu grupo com um **Automático BROOK** ou com **Interruptor de Bóia.**



CONFIEM NA GRANDE EXPERIÊNCIA DE 80 ANOS DA

**CASA CASSELS**

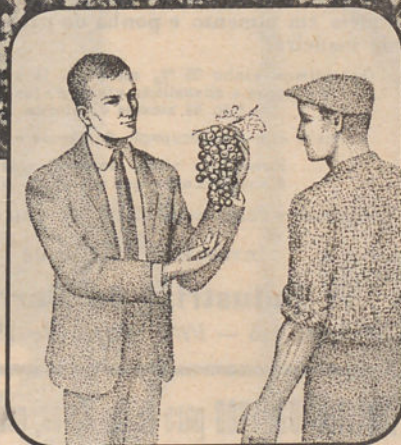
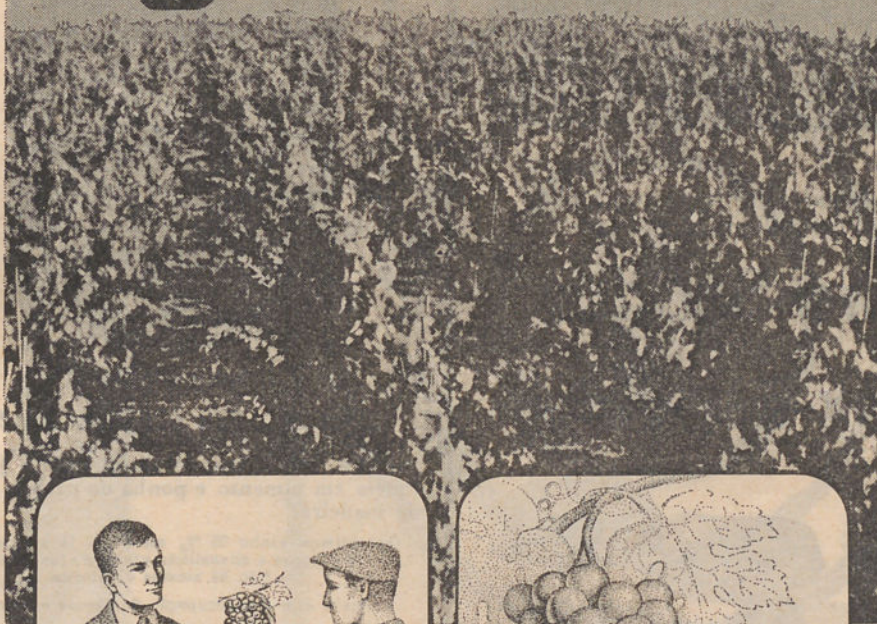
191, Rua Mousinho da Silveira — PORTO

56, Avenida 24 de Julho — LISBOA

3927



# **agran** DEFENDE!



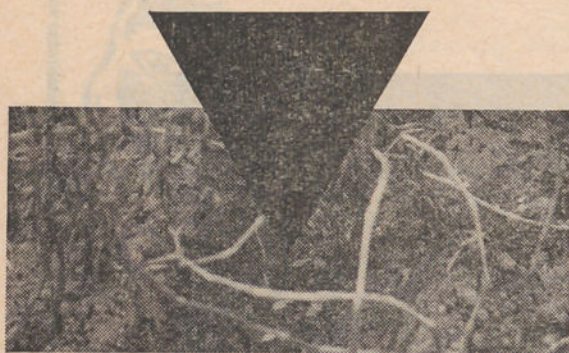
Contra o Míldio e o Oídio — **AGRAN** defende!  
Como tratamento preventivo ou  
como aplicação curativa — **AGRAN** protege!  
Porque **AGRAN** põe ao serviço da agricultura portuguesa  
uma vasta gama de poderosos fungicidas.  
Dotados de **grande suspensão, alta adesividade e**  
**molhabilidade espontânea**, os fungicidas **AGRAN**  
são o melhor seguro das suas vinhas.



Fungicidas **AGRAN** —  
Estudados e produzidos nas suas unidades fabris.  
Assistência técnica permanente.

**agran** -colheita sã!

4168



Contra o mildio tratar em profundidade desde o início da vegetação com

# Cobre-Sandoz ou Milttox-Especial



Produtos Sandoz, Lda.

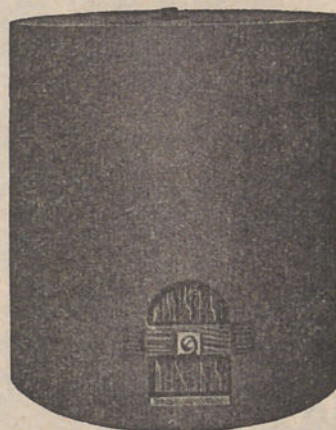
Rua S. Caetano, 4  
Lisboa - 3

4156

## Tonéis em CIMENTO (MÓVEIS)

De uma a doze pipas

Armadura em aço inox  
Resistem aos abalos de terra



Indicamos centenas de clientes  
que já os usam e Adegas Cooperativas  
PEÇAM CATALOGOS

4027

MODELO REGISTRADO

para *Vinhos e Aguardentes*

Se é bom administrador adquira já estes tonéis em cimento e ponha de parte a vasilha de madeira.

Garantimos vinho 75 % melhor — Já vão tratados e prontos a envasilhar vinho e aguardente — Não há atostos e bolores.

Acabe com a preocupação dos arcos e aduelas

Envasilhar vinho nestes tonéis é a mesma coisa que engarrafá-lo

Tomamos a responsabilidade do que afirmamos

Invenção e fabrico de

### A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

### Atomizadores de dorso leves e robustos

COM MOTOR DE 3 C. V. — 70 C. C.  
para *Atomização, Polvilhação e Lança chamas*



**Gulbrod**

Podem ser montados com bocal duplo para duas saídas, e bomba de elevação com tubo de prolongamento para tratamento de árvores e ramadas altas

### Agência Geral Gulbrod

Rua de José Falcão, 152-156  
Telefs.: 20947/20948 — PORTO

### Motocultivadores para ceifar ervas, cereais e mato

próprios também para *Sachar, Cavar vinhas e pomares, Abrir regos, Pulverizar, Transportar, etc.*

MOTORES DE:

8781

4 C. V.

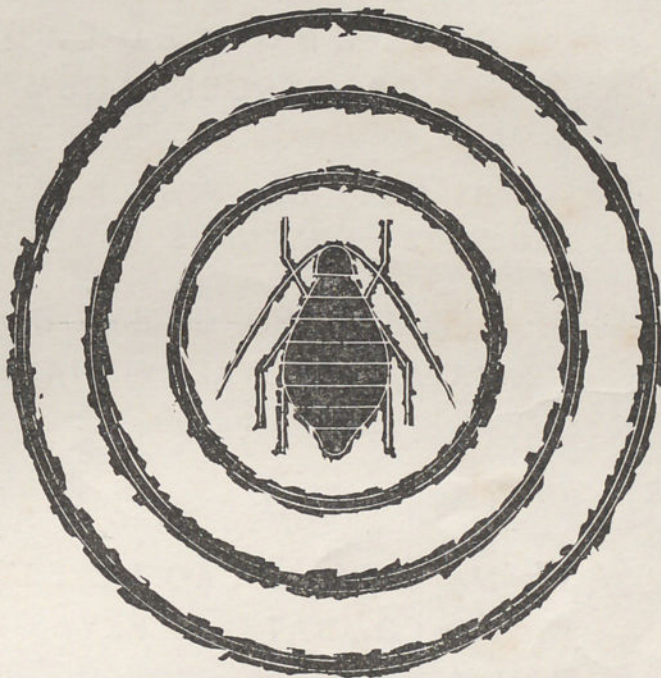
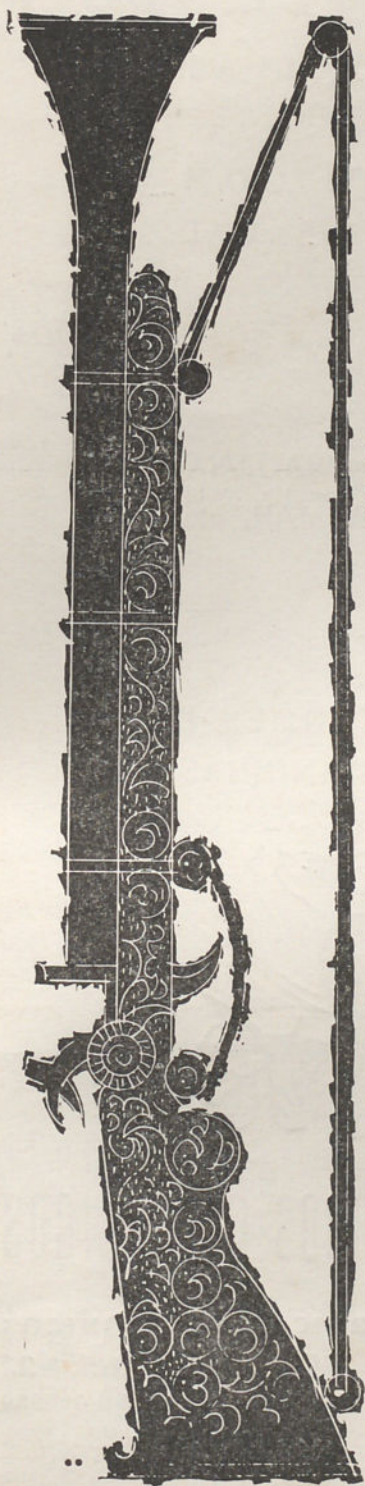
6 C. V.

10 C. V.

a tractol e a gasóleo



**Gulbrod**



Para boas colheitas:

## ® PERFEKTHION

contra a mosca da azeitona, mosca dos frutos,  
bichado dos frutos, aranhão vermelho e afídios.  
O insecticida sistémico à base de Dimetoato,  
não ultrapassado em eficiência.

## ® DICARBAM

contra o escaravelho da batata, bichado das peras  
e maçãs e traça da uva.  
O insecticida com base em Carbaryl de larga acção  
residual e baixa toxicidade para pessoas e animais.

© marca registada

# BASF

 PORTUGUESA, S.A.R.L.

# CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

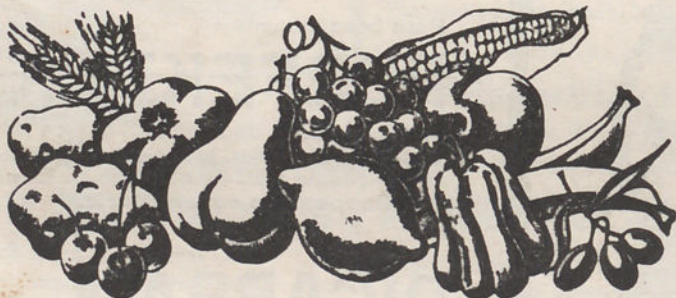
O ADUBO AZOTADO COM  
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS  
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,  
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

**E AINDA**

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E  
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS



## COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS  
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS  
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º  
LISBOA — TELEFONE 368989

3165